

A doutrina social da Igreja
Mas é coisa nossa
O Reino de Deus
Política, caminho de santificação
Um projeto para o Brasil
Vamos matar este homem?
Recordando o Concílio Vaticano II
Ser família e Igreja hoje
À margem da História
Oração pela América
Os cristãos e a pobreza
A violência gera a morte
Para não separar fé e vida
Um planeta em perigo!
A opção
Tradição & Tradicionalismo
Os cristãos e a política
O pecado ainda existe?
O lado fraco da corda
Caminho para a humanização
Iguais e diferentes
Vamos cuidar dele...
... é o único que temos!
Simplicidade e libertação



Recado ao leitor

Este número da sua revista é publicado num tempo fortemente marcado por celebrações e acontecimentos de grande repercussão e certamente relacionados entre si.

De um lado, ainda surpreendem os desdobramentos das grandes transformações no Leste Europeu.

A consequente crise ideológica coincide com o centenário de *Rerum Novarum*, que reativa a discussão sobre a doutrina social da Igreja.

Logo se comemorou o bicentenário da execução de Tiradentes, pondo, em relevo o debate sobre a busca de independência nacional que o levou à morte, lembrada em dias de negociação da dívida externa brasileira com os bancos internacionais.

Enquanto isso, acontecia a Conferência das Nações Unidas sobre Desenvolvimento e Meio Ambiente, destacando que a degradação que ameaça o planeta é causa e consequência da desumanização de grandes contingentes humanos.

Tudo isto tem a ver com a evangelização que se tenta realizar há 500 anos neste continente, com acertos e desvios, êxitos e fracassos. Os bispos, em Santo Domingo, celebram, portanto, a um só tempo, penitência e ação de graças.

E todos nós, Povo de Deus, assumimos com mais vigor e coragem uma verdadeira evangelização que, um dia, se traduza em relações justas e fraternas entre todos os homens. Um marco nesta busca terá sido a XI Encontro Nacional do MFC, em Curitiba: "Família a serviço da humanização".

Aqui está, caro leitor, a matéria-prima com que este número foi editado.

Esperamos que a sua leitura o ajude a ver mais claro a sua parte na missão comum da Igreja, que somos todos nós.

S. & H.A.

19

fato e razão

Edição Movimento Familiar Cristão

Conselho Diretor Nacional

Marco e Inês Gomes
Amauri e Ana Lúcia Soares
Ivan e Ivone Rodrigues
Manoel Arcanjo e Graça Souza
Helio e Selma Amorim
Manoel e Cidália Rocha
Adelino e Zurita Souza
Antonio Carlos e Ângela Aguiar

Equipe de Redação

José e Beatriz Reis
Hélio e Selma Amorim

Distribuição e Correspondência

José e Ione de Assis
Livraria MFC
Rua Espírito Santo, 1059/1109
Tel. (031) 222-5842
30160 Belo Horizonte - MG

SUMÁRIO

● A doutrina social da Igreja	2
● Mas é coisa nossa	8
● Política, caminho de santificação ..	10
● Um projeto para o Brasil	14
● Vamos matar este homem?	18
● Recordando o Concílio Vaticano II ..	20
● O Reino de Deus	23
● Ser família e Igreja hoje	24
● À margem da História	25
● Oração pela América	28
● Os cristãos e a pobreza	31
● A violência gera a morte	34
● Para não separar fé e vida	43
● Um planeta em perigo	44
● A opção	58
● Tradição & tradicionalismo	59
● Os cristãos e a política	62
● O pecado ainda existe?	64
● O lado fraco da corda	70
● Deslizamento de encosta causa mortes	72
● Caminho para a humanização	74
● Iguais e diferentes	78
● Simplicidade e liberdade	80

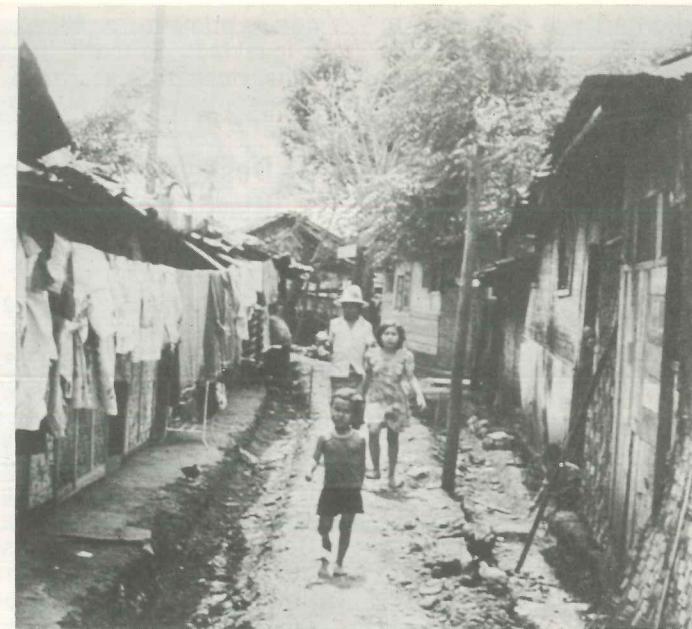
A doutrina social da Igreja

Francisco Ivern, S.J.

Por vários motivos, a doutrina social católica é ainda pouco conhecida e, às vezes, até pouco apreciada por alguns, mesmo dentro da Igreja. Devemos admitir que os documentos sociais da Igreja não são sempre de fácil leitura: são textos longos, escritos em uma linguagem pouco acessível para a maioria dos católicos. Por outro lado, os esforços para traduzir esses documentos em termos mais populares foram até agora bastante modestos, pelo menos na América Latina. Porém, há também aqueles que evitam um conhecimento mais profundo desse ensinamento por medo de acharem nele princípios e diretrizes que questionariam o seu modo de pensar e agir, e que não estariam dispostos a aceitar. Não faltam os que criticam a doutrina social da Igreja por não encontrarem nela o que essa doutrina não contém nem lhes pode dar: isto é, respostas e soluções concretas para os graves problemas que nos afligem. Finalmente, não se pode negar que a aparente ineficácia da doutrina social da Igreja em sociedades chamadas cristãs, mas marcadas por profundas desigualdades e injustiças, não tem contribuído para promovê-la e difundi-la.

O ensinamento social da Igreja, fundado na tradição bíblica e patrística e enriquecido por uma reflexão teológica que se desenvolve ao longo de séculos, não nos diz como devemos atuar concretamente aqui e agora, mas nos fornece uma série de princípios e critérios para orientar a nossa ação, tanto individual quanto coletiva, e nos propõe um ideal de so-

ciade que nos devemos esforçar para atingir. Não substitui, portanto, o trabalho dos economistas, políticos ou empresários cuja principal responsabilidade é precisamente de tentar encarnar aqueles princípios e aquele ideal na vida e nas instituições, leis e estruturas da sociedade. Com frequência o que hoje falta não são simplesmente conhecimentos ou competência técnica, mas sobre tudo critérios que nos iluminem, orientem e ajudem a definir o rumo a seguir. Às vezes, nos deixamos influenciar e guiar pelas ideologias e interesses dominantes, esquecendo que na doutrina social da Igreja existem orientações muito mais seguras e relevantes do ponto de vista ético e doutrinário, já que se fundem na fé que professamos. Também o fato de não colocarmos em prática as exigências sociais da nossa fé desacreditada não tanto aquele ensinamento, quanto o nosso modo de concebermos e vivermos a fé. Muitos cristãos ainda concebem a vivência da fé sobretudo em termos de culto, ritos e práticas religiosas. Esquecem que a contribuição mais específica do cristianismo é de nos propor um novo modo de nos relacionarmos com Deus, com os outros e com o mundo criado por Deus: uma nova vida que produziria mulheres e homens novos; um novo mundo e uma nova sociedade. Se a doutrina social da Igreja não foi até agora tão eficaz como seria desejável, isso deve-se em grande parte ao divórcio entre fé e vida que recentes Papas denunciaram e ao confinamento da fé dentro dos estreitos limites da vi-



da individual e familiar, privando assim a fé do seu significado e relevância para a vida econômica, social, política e cultural da sociedade.

Os documentos sociais da Igreja universal têm que ser necessariamente mais genéricos já que a sua mensagem se deve aplicar a regiões com culturas, estágios de desenvolvimento e situações muito diversas. Na sua carta Apostólica "Octogesima Adveniens", escrita no octogésimo aniversário de Rerum Novarum, Paulo VI sublinhava esse fato e também o papel que devem desempenhar as Igrejas particulares na elaboração de um ensinamento social que corresponda às condições e necessidades específicas de cada país ou região. Na América Latina e, em particular, no Brasil existe uma grande riqueza de documentos sociais, publicados por órgãos da Igreja, a diversos níveis.

O Centenário da "Rerum Novarum" foi um convite dirigido, em primeiro lugar, aos leigos para que se familiarizem com a doutrina social da Igreja e se esforcem para traduzir em políticas e projetos concretos as orientações e princípios nela contidos. Também é um convite para que a Igreja faça um esforço ainda maior para dar a conhecer e divulgar essa doutrina na sua ação pastoral.

Os Principais Ensinamentos da Doutrina Social da Igreja

1. Missão Social da Igreja

O ensinamento social católico não é uma incursão indevida da Igreja em uma área que não é da sua competência, mas surge da sua mesma missão religiosa. O ser humano responde livremente

ao chamado de Deus e começa a realizar a sua vocação eterna já neste mundo, na história. Da sua fidelidade aos princípios e exigências da sua fé dependerá a sua salvação. A fé não é autêntica sem amor ao próximo e a primeira exigência do amor é o respeito pela dignidade e os direitos dos outros: a justiça. A Igreja também possui – por revelação e experiência histórica – uma visão do homem, da sociedade e do mundo que lhe é próprio e à luz da qual interpreta e julga a história. Portanto, lá onde estão em jogo as exigências sociais da fé, a dignidade e os direitos humanos e os princípios que ela defende, lá está presente a Igreja. Nesse contexto, nada é alheio às preocupações da Igreja.

2. A Dignidade da Pessoa Humana é o Fundamento dos seus Direitos

Na doutrina social católica, o primeiro fundamento dos direitos humanos não é tanto a liberdade, como os defensores da filosofia liberal pretendem, nem a igualdade que o socialismo marxista promove, mas é a dignidade do ser humano, criado à imagem e semelhança do seu Criador. Essa dignidade à sua vez exige a liberdade e estabelece a fundamental igualdade entre todos os seres humanos. Na dignidade da pessoa humana a liberdade e a igualdade se encontram e conciliam, mediante a solidariedade que reúne todos os homens e mulheres em uma grande e única família. Quem se limita a defender a liberdade individual como um valor absoluto e intocável, acaba sacrificando a dignidade e a fundamental igualdade dos outros, em particular dos mais fracos e pobres. Quem se propõe

como primeiro e último objetivo a igualdade de todos, também termina violando a liberdade e nunca atinge a igualdade que pretende.

3. Destinação Universal dos Bens Criados

Deus criou o mundo para todos. Os bens criados – a terra, o mar, os recursos minerais e energéticos, etc. – estão destinados para o bem não apenas de alguns poucos, mas de todos os homens. Tudo orienta-se para a plena realização do ser humano: a economia, a política, o capital, o trabalho, a ciência, a tecnologia, a empresa. Somos apenas os administradores desse patrimônio. O direito de propriedade privada, embora legítimo, não é primário, nem absoluto, menos ainda “sagrado”, mas está subordinado à destinação universal dos bens criados. Nas palavras de João Paulo II, é um direito “hipotecado”: isto é, um direito que perde a sua razão de ser quando deixa de cumprir a sua função social. Isso aplica-se de um modo especial aos bens dos quais muitos dependem para a sua sobrevivência: a natureza, as terras produtivas, o capital industrial, etc.

4. A Prioridade do bem Comum

O “bem comum” é a soma de todas aquelas condições (materiais, sociais, políticas, culturais...) que permitem a plena realização, como pessoas, de todos os membros de uma determinada sociedade e não apenas de alguns. Os direitos dos indivíduos e dos grupos (“corporações”) devem ser compreendidos e exercidos no contexto e em função do bem comum. Vastas e profundas desi-



gualdades na distribuição da riqueza, das oportunidades e do poder, a existência de muitos – às vezes a maioria – que não possuem o necessário para uma vida humana digna, enquanto outros vivem na abundância, contrariam as exigências do bem comum. Quando se perde o sentido do bem comum a sociedade se fragmenta e se torna ingovernável.

5. A Opção Preferencial Pelos Pobres

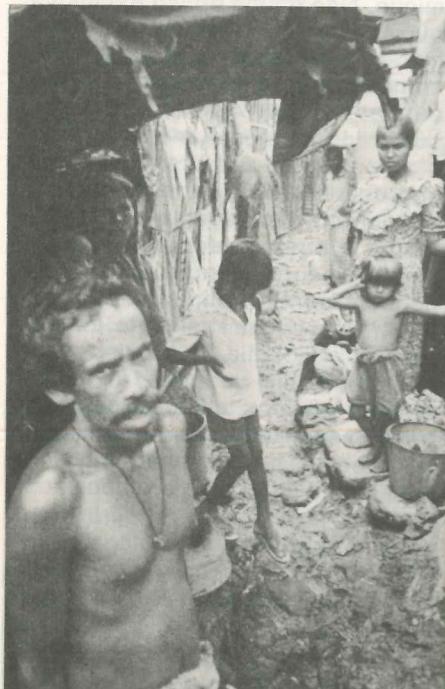
Os pobres foram a opção preferencial de Jesus Cristo, são a opção preferencial da Igreja e deveriam também sê-lo de toda a sociedade. Isso significa que, motivados pelo amor, escolhemos os mais débeis e necessitados como os beneficiários prioritários dos nossos cuidados, das nossas políticas, dos nossos planos econô-

micos. Não é uma opção exclusiva ou excluente. Todos os seres humanos merecem o nosso amor e consideração. Há pessoas, grupos ou classes, porém, que, não pelas suas virtudes ou méritos, mas simplesmente pela situação de pobreza e necessidade em que se encontram, merecem prioritariamente a nossa atenção. Os direitos dos pobres não se fundam em nenhum contrato, mas na sua necessidade. Contrariamente ao que ensina a filosofia liberal, no ensinamento social da Igreja, desde os tempos bíblicos e patrísticos, até os nossos dias, a necessidade pode ser e, nos nossos dias, com freqüência é fonte de direitos.

6. O Ideal Cristão de Sociedade

O ideal cristão de sociedade é um ideal de solidariedade e comu-

nhão. A qualidade dessa sociedade não se define tanto pelo seu nível material de vida, nem pela sua renda "per capita", quanto pela qualidade das suas relações humanas, pelo amor, justiça e solidariedade que marcam essas relações. Também é uma sociedade aberta aos valores superiores do espírito, incluindo os valores religiosos. A experiência mostra que o progresso sócio-econômico e sócio-político de sociedades chamadas "modernas" ou desenvolvidas, não vai sempre acompanhado de um progresso semelhante na área dos valores espirituais e religiosos, mas por um crescente materialismo, permissividade, hedonismo, etc. O resultado é uma "insatisfação radical" que se manifesta de tantos modos (drogas, violência, suicídios, homossexualismo...).



7. O Desenvolvimento Integral do Homem e da Sociedade

Por esses motivos, os documentos sociais da Igreja, em particular as encíclicas de Paulo VI ("Populorum Progressio") e de João Paulo II ("Sollicitudo Rei Socialis") insistem no conceito dum desenvolvimento humano, tanto a nível individual como coletivo, que seja integral, harmônico e equilibrado, baseado numa correta escala de valores. Para a Igreja o "subdesenvolvimento", com a sua pobreza e injustiças, e o "superdesenvolvimento", com o seu materialismo e os seus excessos, representam as duas caras de uma mesma moeda: uma sociedade baseada numa escala de valores que privilegia mais o "ter" do que o "ser", o material mais do que o espiritual, as coisas mais do que a pessoa humana, o capital mais do que o trabalho ("Laborem Exercens").

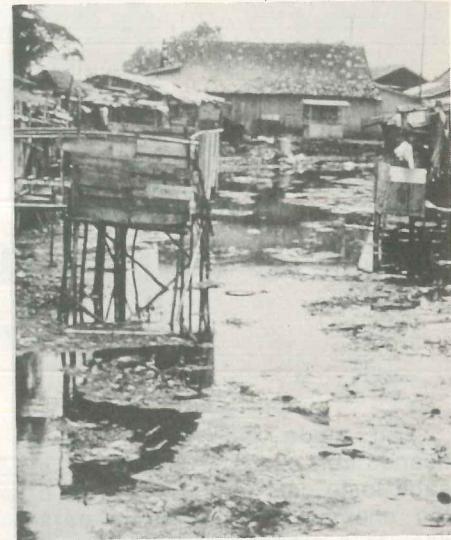
8. Desenvolvimento é Também Participação

O principal obstáculo para a solidariedade e a comunhão é a falta de amor e justiça que se manifesta, em países como o Brasil, pelas profundas desigualdades existentes na distribuição não apenas dos recursos disponíveis, mas também das oportunidades e do poder. O Brasil é o país com um dos maiores índices de concentração de renda no mundo. Também em comparação com outros países, mesmo mais pobres do que o Brasil (por exemplo, Índia), os salários absorvem uma porcentagem muito baixa (apenas 17%) do PIB. O ideal cristão não

é um ideal simplesmente "igualitarismo". Porém, a dignidade da pessoa humana exige a participação equitativa de todos, particularmente dos mais fracos e pobres, na vida econômica, social, política e cultural da sociedade. A participação deve ser responsável e nunca perder de vista as exigências do bem comum. Isso aplique-se tanto aos ricos como aos pobres.

9. O Ideal de Reconciliação e Paz vs. a Realidade do Conflito

O nosso objetivo final é uma sociedade reconciliada, solidária e pacífica. A paz e a solidariedade, contudo, são frutos da justiça. Para alcançá-las, os conflitos entre interesses divergentes ou opositos, devem ser superados na justiça. O ensinamento social da Igreja e em particular de João Paulo II, sublinha, por exemplo, que a "secular antinomia" entre o mundo do capital e o mundo do trabalho só será superada mediante mudanças vastas e profundas que garantam o primado ao trabalho do homem sobre o capital ("Laborem Exercens", nº 13). O Papa atual também nos lembra que, dada a difícil situação social no nosso país, se não houver essas mudanças, os conflitos violentos não poderão ser evitados (Discurso de João Paulo II em Salvador, Bahia, 07.07.80, nº 39). A nossa responsabilidade, porém, é de esforçar-nos para evitar tudo aquilo que possa provocar ou exacerbar as tensões e os conflitos. Embora a violência não seja sempre provocada pela injustiça social, mas tenha também outras causas, uma sociedade mais justa contribuiria certamente para diminuirla.



10. O Princípio de Subsidiariedade

O Estado exerce a tutela do bem comum. Na doutrina social da Igreja o princípio não é "quanto menos Estado melhor", mas "tanto Estado quanto seja necessário" para defender e promover o bem comum. O Estado, porém, não deve privar os indivíduos e grupos sociais ("corpos intermediários") da sua liberdade e iniciativa. O que se pode realizar bem ou melhor a um nível inferior, não deve ser feito a um nível superior. O Estado deve abrir espaços e criar condições para que essa livre iniciativa possa crescer e se desenvolver. Contudo, em países com grandes desigualdades e onde setores majoritários da população vivem ainda na pobreza, o bem comum exige que o Estado intervenha para garantir uma maior justiça social, mesmo contrariando às vezes interesses de certos grupos ou setores da população. □

Mas é coisa nossa

Eu ainda estava em jejum quando abri o jornal. Pensei: quem sabe tomo café primeiro? A foto é tão chamativa que não dá para desviar a atenção. Todo leitor da "Folha" deve ter tido o mesmo choque. Mas eu confesso que resisti. Pra que, meu Deus, uma foto dessas na primeira página? Posso falar, porque tenho vivido em jornal a vida toda. Jornalista tem essa inclinação para o que é negativo. Há quem diga que é um traço mórbido.

Hoje todo mundo sabe, na teoria e na prática, que o corriqueiro não é notícia. Aquele exemplo clássico que já está careca de tanto ser citado. Se um cão morde um homem, nada a noticiar. Se um homem morde um cão, está af a matéria-prima. Cumpre apurar tudo direitinho. Se o homem foi vacinado contra a raiva. Se o cão estava quieto no seu canto, ou se partiu dele a provocação. Nome, idade, cor e sexo da vítima. Enfim, um prato cheio.

Se notícia é o inusitado, o que sai da banalidade e escapa ao lixo do cotidiano, então por que essa foto na primeira página? Esse personagem será assim tão insólito? Imagino que o leitor já esqueceu a foto de ontem e o impacto que ela nos causou. Esquecer é um mecanismo confortável. E essencial.

Jorge Araújo

Otto Lara Resende

É o que nos permite continuar vivendo na santa paz de nossa consciência. Que diabo, a gente tem que se defender. Eu, por exemplo, quando dei com a foto, logo pensei com os meus botões: deve ser coisa de muito longe. Biafra, por exemplo. Você se lembra da Biafra?

Biafra, ou Bangladesh. Lá nos cafundós, onde Judas perdeu as botas. Nada a ver comigo. E decidi fugir da legenda. Por via das dúvidas, preferia não saber onde vive, ou sobrevive, aquela coisinha de olhos fechados. Ainda bem. Se tivesse os olhos abertos, grampeava o meu olhar e adeus café-da-manhã. A mão direita no peito lhe dá um ar de contrito. A mão esquerda segura o pé direito. Segura firme, a perna direita cruzada sobre a esquerda. Tem até graça. Uma graça horrível, mas tem.

E aquela fralda imensa. Branca, farta, não o deixa nu. Ou nua. Não está dito qual o sexo do "top model" que posou para o fotógrafo. Tem quatro meses, diz a legenda. Está internado na Paraíba, com suspeita de cólera. Como será o nome desse serzinho tão indefeso? Af me ocorreu que seu nome é legião. Seu sobrenome? Brasil. Por falar nisto, quando é que a gente vai tomar vergonha na cara? □



Política, caminho de santificação

Paulo Maria Tonucci

Os católicos falando de sua atividade apostólica, mostram que esta se reduz muitas vezes ao âmbito intra-eclesial e ao intra-familiar. Em sua exortação apostólica "Christifideles Laici", João Paulo II lembra aos leigos que nem eles sempre souberam se desviar de duas tentações: "a tentação de mostrar um exclusivo interesse pelos serviços e tarefas eclesiás, de forma a chegar frequentemente a uma prática abdicação das suas responsabilidades específicas no mundo profissional, social, econômico, cultural e político, e a tentação de legitimar a indevida separação entre fé e vida, entre a aceitação do Evangelho e a ação concreta nas mais variadas realidades temporais e terrenas" (CL, 2).

Às vezes os que militam nas associações de bairro, nos sindicatos e na política, não conseguem ver nestas atividades uma dimensão cristã, espiritual, pensam que poderão santificar-se apesar da política, apesar do sindicato. A política, mais que um serviço, é encarada como procura de interesse de partes. Por isso a espiritualidade sofre a tentação de ficar alheia aos problemas da história, na ilusão de que podemos seguir a Deus, aproximarmo-nos dele sem servir aos homens...

Não é esse o pensamento de João Paulo II, que na mesma CL, no número 17 diz: "A vocação dos fiéis leigos à santidade comporta que a vida segundo o Espírito se exprima de forma peculiar na sua inserção nas realidades temporais

e na sua participação nas atividades terrenas". E mais adiante continua: "Para animar cristãmente a ordem temporal, no sentido de servir à pessoa e a sociedade, os fiéis leigos não podem absolutamente abdicar da participação na política; ou seja, da múltipla e variada ação econômica, social, legislativa, administrativa e cultural, destinada a promover orgânica e institucionalmente o bem comum. Todos e cada um, têm o direito e o dever de participar na política, embora em diversidade e complementariedade de formas, níveis, funções e responsabilidades. As acusações de arrivismo, idolatria de poder, egoísmo e corrupção que muitas vezes são dirigidas aos homens do governo, do parlamento, da classe dominante ou partido político, bem como a opinião muito difusa de que a política é um lugar de necessário perigo moral não justificam minimamente, nem o ceticismo nem o absenteísmo dos cristãos pela coisa pública" (CL, 42).

Paulo VI, em carta apostólica "Octogésima adveniens" afirmava: "A política é uma maneira exigente – se bem que não seja a única – de viver o compromisso cristão, a serviço dos outros" (46).

Na política os cristãos podem viver uma profunda espiritualidade, no serviço à cidade dos homens, serviço alimentado pelo espírito das bem-aventuranças e que tem como modelo o amor que Cristo manifestou entregando-se na cruz.

Falar em política significa lem-



brar que o serviço político está passando por um período de descredito... "A política é suja", dizem muitos e muitas vezes a afirmação corresponde à verdade.

Diante da política, os católicos assumem comportamentos diferentes.

Alguns têm consciência dos valores éticos, têm generosidade e assumem a política dispostos a se arriscar em situações difíceis.

A maioria porém não quer nada com a política. Acha que nela não se pode realizar a caridade cristã e seu testemunho de vida.

Na ocasião das eleições, alguns se tornam cabos eleitorais e fazem isso motivados por interesses (pequenos ou grandes) a nível pessoal ou familiar.

Há católicos que votam e sustentam candidatos, sem fazer uma avaliação coerente da proposta política ou da ideologia em que a mesma se apoia.

Alguns políticos se declaram católicos, procuram aproximar-se de bispos e padres, sobretudo em época de eleições, mas sua política parece inspirar-se mais em Maquiavel do que no Evangelho.

Existem também católicos que partem para a política com o propósito de manter a honestidade no jogo político, mas depois que entram, percebem a dificuldade de remar contra a corrente e então se acomodam, preocupando-se em não prevaricar de maneira exagerada.

Finalmente há os idealistas –

parecem até ingênuos — que querem mudar a vida política. Alguns permanecem na trincheira, apesar de tudo; outros recuam e ficam desiludidos com a Igreja, com a política, por falta de apoio da própria comunidade.

Torna-se necessário refletir sobre a relação entre política e espiritualidade. Os que são "chamados" a um serviço específico na política e todos os que não podem deixar de levar em conta a política (isto é, todos nós) deverão descobrir o caminho da maior fidelidade a Deus em sua atividade política. Deverão descobrir como ter uma espiritualidade política.

Tudo isso é importante no dia de hoje, quando se fala de uma nova evangelização para responder aos novos desafios, pois não podemos separar evangelização da promoção do homem concreto, de sua libertação integral. Se a vocação do serviço político é difícil e exigente, o cristão que se sente chamado a isso deverá ser ajudado pela comunidade. A relação vital com a comunidade deverá tirar o homem político do isolamento em que muitas vezes é relegado.

Seguem algumas características e balizas da espiritualidade do serviço político para serem refletidos em comunidade:

— O Concílio Vaticano II afirma que "uma mesma santidade é cultivada por todos aqueles que, nos vários gêneros de vida e nas diferentes profissões, são guiados pelo Espírito de Deus..." (G 41). O problema então é tornar-se santo não apesar da política, mas pela política.

— Todos somos responsáveis pelas necessidades humanas concretas, o que significa ocupar-se e preocupar-se também com as estruturas e as instituições sociais e políticas. De outra forma, a

caridade cristã seria ineficaz e sem relevância histórica.

— Os que são investidos de poder, e todos exercitamos sempre um pouco de poder (também na hora do voto), devem lembrar-se de que o ideal do poder cristão é o mesmo testemunhado por Jesus no lava-pés da última ceia. Alguém que tenha poder poderá declarar-se cristão na medida em que vive "servindo" aos outros e dando a vida por eles (cf. Jo 10). A recomendação de Jesus é muito clara: "Eu lhes dei um exemplo: vocês devem fazer a mesma coisa que eu fiz" (Jo 13,15).

— Quem trabalha na política, e todos trabalhamos na política, lembre-se de que deve prestar conta de cada ação não só à sociedade e à justiça humana, mas também a Deus.

Deve perceber no dia a dia as sementes do bem, os valores emergentes da história, os movimentos carregados de graça divina, os aspectos positivos e negativos das diferentes culturas, conforme a lição de Paulo:

"Não se amoldem às estruturas deste mundo, mas transformem-se pela renovação da mente, a fim de distinguir qual é a vontade de Deus: o que é bom, o que é agradável a ele, o que é perfeito (Rm 12,2).

— Indispensável também a consciência e o dever da profissionalidade; pois estar na política sem competência, com todas as consequências negativas é faltar com um dever moral.

— O cristão deverá prestar a devida atenção ao ensinamento social da Igreja.

— O cristão latino-americano não poderá esquecer a opção preferencial pelos pobres, assumida pelos bispos em Puebla. A opção que significa:



JESUS CARLOS

§ — condenar como antievangelica a extrema pobreza que existe em nosso continente e denunciar os mecanismos que produzem essa pobreza;

§ — lutar para acabar com ela e assim criar um mundo mais justo e fraterno;

§ — apoiar as aspirações dos operários que querem ser tratados como homens livres e responsáveis, e participar nas decisões que dizem respeito à sua vida e ao seu futuro;

§ — defender o direito dos operários e agricultores, de criar livremente organizações para defender e promover seus interesses;

§ — promover e respeitar os valores indígenas. (P. 1159-1164).

— Precisa também compreender que o Reino de Deus realiza-se em germe neste mundo, mas não é deste mundo nem se esgota neste mundo. Por isso o cristão deve viver seu compromisso histórico com toda garra, mas ac mesmo tempo consciente de que nenhum modelo político pode identificar-se com o Reino. O Concílio

lembra: "O Cristão que descuida dos seus deveres temporais falta aos seus deveres com o próximo e até para com o próprio Deus, e põe em risco a sua salvação eterna" (GS43).

— É importante ter consciência de que existe a justa autonomia das realidades terrenas (cf GS 36 — que lembra Galileo Galilei).

— O político, e todos somos políticos, arrisca-se, mais do que os outros, a ser absorvido pela atividade. Deverá então dedicar tempo à reflexão, para confrontar as escolhas, os planos com o projeto de Deus; à contemplação, entendida como oração calma, demorada, tempo de gratuidade, de puro "perder tempo", da intimidade pessoal com Deus.

Quanto mais o mundo da política se torna preocupante e até turbulento, tanto mais o político cristão deverá preservar esse oásis interior.

— A vida política democrática exige paciência e tempo para que possa crescer o consenso, e para que pontos de vista divergentes possam tornar-se convergentes.

Quem tem responsabilidades políticas, (existe alguém sem responsabilidades políticas?) deve submeter-se a avaliações, muitas vezes implacáveis da comunidade. Deve deixar-se absorver por compromissos que tiram o tempo e as energias dos próprios interesses legítimos ou das alegrias da intimidade familiar. Deve aceitar o peso das análises impiedosas e das decisões impopulares para permanecer fiel aos princípios do Evangelho, aos imperativos da consciência e às exigências do bem comum. Deve aceitar o sofrimento da solidão e da incompreensão. Deve resistir às tentações da riqueza e do poder.

Deve enfrentar poderosos desonestos.

Tudo isso requer uma contínua renúncia. O cristão deve estar convencido que a verdade e a justiça devem ter a prioridade sobre a eficiência e poder, à luz do mistério da cruz.

Para que a espiritualidade do serviço público seja vivida:

1. Uma pastoral que se renove, no sentido de que a evangelização seja mais eficaz; que a comunhão eclesial seja vivida num relacionamento novo (entre o clero, religiosos e leigos), que o relacionamento com o mundo seja mais consciente e mais honesto.

Infelizmente ainda nos defrontamos com comunidades cristãs que reduzem sua atividade só a catequese de crianças, que aceitam uma participação mínima dos leigos nas estruturas eclesiás, que não tem a coragem de refletir seriamente sobre os novos desafios, que sucumbem à tentação de fechar-se e se preocupam só em conquistar mais espaço a nível eclesial.

É importante que haja clareza entre nós. Devemos reconhecer que a política pervade a vida toda, e também a religião... e por isso o

político sempre deverá esperar críticas dos cristãos... Porém devemos nos lembrar de que um grupo religioso nunca poderá tornar-se "partido político", enquanto religioso. Além disso a hierarquia da Igreja deverá evitar os conchavos enquanto a base eclesial fica ausente.

Os cristãos engajados na política (e num certo sentido, todos somos engajados na política) deverão merecer uma atenção pastoral, que poderá concretizar-se nos momentos de encontro e formação, na comunidade.

2. Os cristãos deverão estudar seriamente, confrontando-se com os homens de boa vontade de todas as tendências, sempre em busca de soluções, os problemas do relacionamento ética-ciência-tecnologia, dos direitos humanos, da pobreza, da paz, da economia, da solidariedade internacional.

Precisamos de um compromisso cultural sério. É importante para nós a formação bíblica e teológica, mas também histórica, pois a história é mestra da vida.

3. Na comunidade cristã deverão existir instrumentos e lugares de confronto e de debate sobre a problemática política.

O mundo da política é um mundo de permanente pesquisa, confrontação e experimentação. As diferentes posições deverão confrontar-se num espírito de comunhão, de tolerância e reciprocidade.

Claro que podemos correr riscos, mas seria pior correr o risco do imobilismo, do fechamento. O Espírito empurra a comunidade cristã para frente... O cristão político – então todos os cristãos – deveriam repetir as palavras de Paulo: "Esse é o meu Evangelho, por causa do qual sofro, a ponto de estar acorrentado como um malfeitor. Mas a Palavra de Deus não está algemada" (2Tm 2, 8-9). □

Comunicado Final da Semana Social Brasileira

Convocados pela CNBB, para a Semana Social Brasileira, reuniram-se em Brasília, de 3 a 8 de novembro de 1991, 217 pessoas de todos os Estados do Brasil. Representavam movimentos populares, organizações sindicais e empresariais, partidos políticos, pastorais sociais, assessorias, centros de estudos e de pesquisa. Analisaram a realidade brasileira a partir do mundo do trabalho, à luz do ensino social da Igreja, buscando em conjunto pistas que apontem para a construção de uma sociedade onde se reconhece o valor dos trabalhadores e a primazia do trabalho sobre o capital como caminho para a solução da crise em que o país se encontra.

A reflexão feita em conjunto, e que os participantes pretendem prosseguir e levar para as pessoas com quem convivem em seus ambientes, ajudou a identificar situações importantes do mundo do trabalho, e pistas concretas de ação, dentre as quais destacam-se as que este texto apresenta.



Foto: Reginaldo Marinho / acervo Fundação Joaquim Nabuco

Um projeto para o Brasil

A internacionalização da economia e a introdução de novas tecnologias estão sendo apresentadas como a solução para o Brasil. Pergunta-se: qual o efeito dessas novas tecnologias num país já marcado por profundas desigualdades e pela exclusão das maiores?

A 3ª revolução industrial – caracterizada sobretudo pela informatização da produção e das comunicações – tem valorizado alguns trabalhadores, permitindo sua participação nas decisões da empresa, mas tem aumentado o fosso entre nações ricas e pobres e descartado do mercado de trabalho a maioria do povo. Ao mesmo tempo que cria uma nova cultura, causa um novo analfabetismo nos que não têm acesso a ela.

As novas tecnologias podem ser úteis se forem democratizadas; se aumentarem a capacitação técnica do trabalhador; se a educação formal e informal possibilitem seu uso amplo; se o trabalhador tiver acesso à cultura e a uma visão global da sociedade, para colocá-las a serviço do conjunto da nação.

Este debate só está começando. É urgente. Porque teme-se que esta nova onda de marginalização condene à morte grandes camadas da população.

No Brasil, 50% da população vivem no mercado informal em situações de terrível precariedade. Manifesta-se aí a perversidade do sistema que não lhes dá acesso às mínimas oportunidades de progresso. Ao mesmo tempo, vê-se

nessas multidões uma notável criatividade na luta pela sobrevivência, recriando formas alternativas de vida.

Discute-se se o conjunto da sociedade não teria muito que aprender dessas novas formas de organização, de solidariedade, de luta por cidadania e novos modelos de sociedade.

Reconhecemos que o movimento sindical, os partidos, as igrejas estão pouco presentes nessa realidade. É preciso que os militantes e os agentes de pastoral convivam mais com os pobres, estudem sua situação, valorizem sua cultura e suas formas alternativas de organização. Precisamos de profunda auto-crítica, precisamos reavaliar nossas organizações para que nelas encontrem espaço os excluídos.

A CNBB deve assumir mais profeticamente a denúncia do projeto neo-liberal que causa a morte de milhões. Junto com outras organizações, a CNBB e as igrejas devem lutar por políticas sociais, pela Reforma Agrária e Urbana e por uma política agrícola que garantam a vida dos pobres e a viabilidade da nação.

Nesta semana, foram escutados trabalhadores e empresários, economistas de várias escolas, políticos, filósofos e teólogos.

Foram constatadas profundas divergências acerca de um projeto para toda a nação. A ideologia neo-liberal e o mercantilismo re-colocam como valores absolutos o mercado, a livre competição, a busca da modernidade produtiva. Os neo-liberais não têm preocupações sociais. Os trabalhadores fortaleceram, na década de 80, organizações que, porém, agora se sentem enfraquecidas diante da nova situação e não conseguem motivar a população para um projeto global.

Apareceu como urgente a ela-

boração de propostas alternativas de sociedade, a recriação de práticas e até de uma nova cultura de democracia, solidariedade e exercício do poder.

É preciso que as igrejas se mobilizem pelo valor da vida, dos direitos dos trabalhadores, dos desempregados, dos sem terra, tomando iniciativas solidárias que reanimem a esperança dos fracos.

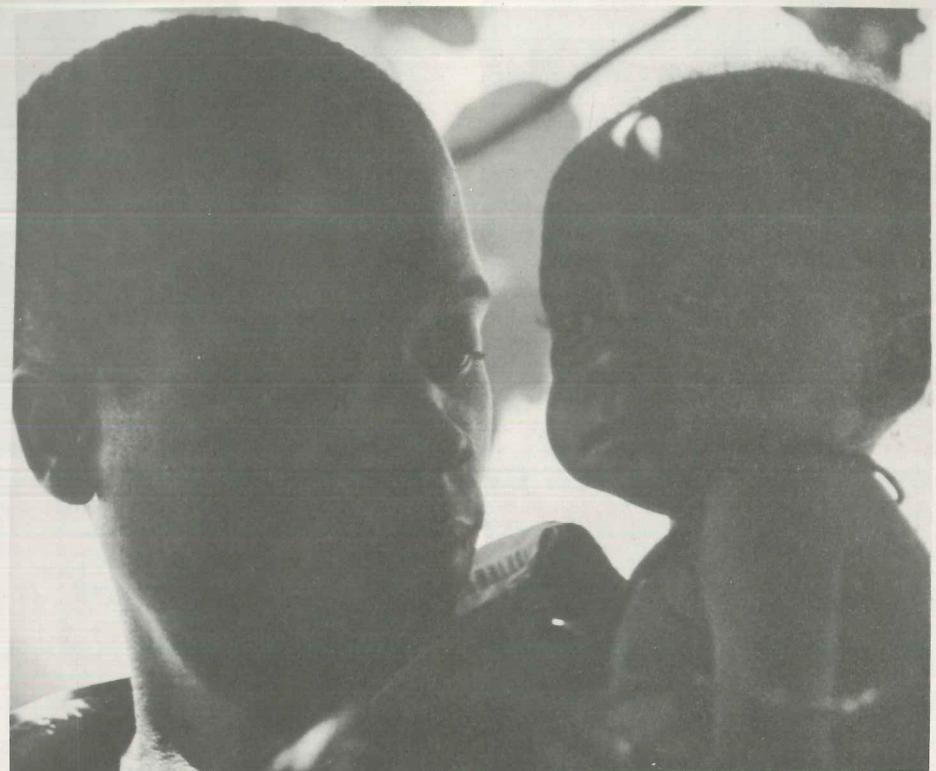
O reflexo da economia está gerando um apartheid social que coloca em perigo a nacionalidade, porque se está perdendo o sentido de povo e nação. O problema não é só econômico. É político e ético.

É preciso redefinir a modernidade. Além da liberdade individual ela deve incluir democracia social e solução das necessidades básicas da nação: educação, saúde, alimentação, moradia, saneamento. O choque ético deve contemplar o uso correto dos recursos para suprir os problemas básicos. É impossível constituir o Estado de Direito numa sociedade de miseráveis.

Dante da degradação do sistema político econômico que gera marginalidade, corporativismo e acirramento das lutas internas nos movimentos, é preciso valorizar os esforços de uma nova ética que emerge dos movimentos sociais; recriar lideranças capazes de entender as aspirações da base e canalizar as energias populares em função de projetos fundamentais; valorizar mais as soluções que podem ser encontradas nos municípios e regiões.

A reflexão cristã sobre a realidade social deve ter como pano de fundo a constatação de que a liberdade entre desiguais leva à tirania.

A *Rerum Novarum*, elaborada em contexto europeu, enfatizou a propriedade privada como princípio de solução para a ordem social. O concílio Vaticano II e a La-



borem Exercens inverteram as posições, colocando o trabalho como "a chave da questão social".

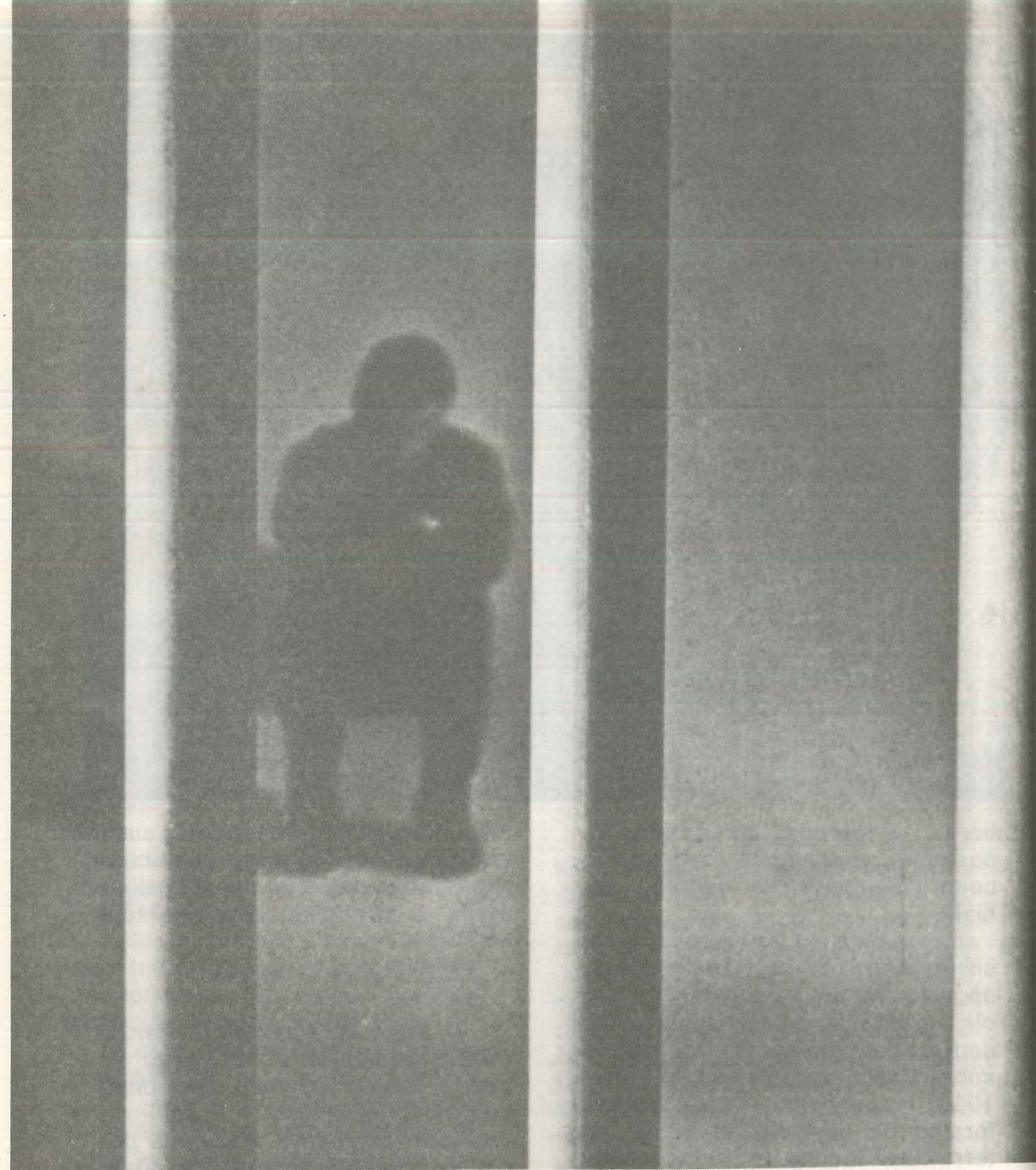
A prática do Episcopado brasileiro priorizou os trabalhadores, apoiando suas reivindicações sociais e criando espaços para eles dentro da Igreja. O Documento sobre Igreja e problemas da Terra, 1980, reconheceu as diversas formas de propriedade e uso da terra de índios e camponeses (Terra de Trabalho) e condenou a Terra de Negócio (especulação).

O ensino social da Igreja não deve ser considerado como conjunto fechado dogmático, mas como um conjunto de princípios a serem recriados na e pela ação.

É preciso estar sempre pronto a alargar os horizontes e descobrir a nova ética que hoje emerge dos movimentos sociais e religio-

sos. Além disto, incentive-se uma teologia do trabalho que recolha a experiência de Deus dos trabalhadores e aprofunde sua vivência espiritual.

O Setor de Pastoral Social da CNBB manifesta a convicção de que o projeto de uma sociedade justa e fraterna para o Brasil precisa ser pensado e elaborado por todos. A grande riqueza do Brasil está no povo brasileiro, em sua fé e nos seus valores humanos. Por isto, convoca a todos para a busca em conjunto desse projeto. A semana Social mostrou a validade de se criarem espaços de reflexão e de diálogo. Isto renova a esperança de que é possível encontrar soluções para os problemas do povo, e o Brasil será a pátria que temos o direito de sonhar.



Vamos matar este homem?

Ele cometeu um crime hediondo.

A sentença do Juiz confirma. (Embora às vezes o Juiz se engane).

A primeira reação de todos foi muito humana. Diante de um crime perverso contra vítima inocente – quem sabe, uma criança – o desejo incontido de vingança. "Ma-

tou, tem que morrer!" – esbravejamos com sagrada ira.

E engrossamos a passeata em favor da **pena de morte**.

Dominada a emoção, a razão nos leva a refletir sobre essa questão que tem muito a ver com a fé e a visão cristã do homem. Porque a vida é um dom de Deus – e é dada a alguém criado à imagem e semelhança de Deus.

Então, as coisas se complicam.

Terá o homem o direito de tirar a vida do outro homem? Já não se trata de legítima defesa, uma vez que o outro está sob controle, separado da sociedade. O motivo que resta é a vingança, que nada tem de sagrada.

Ora, é claro que o castigo tem que ser aplicado, para destimular outros que poderiam seguir o mau exemplo.

O castigo será severo, proporcional à perversidade do crime. Mas... tem limite. É a vida. O direito de viver e, portanto, a oportunidade do arrependimento, da conversão, do recomeço, da reconstrução de uma vida, de encontro ou reencontro com Deus e com os irmãos. A possibilidade nunca perdida de ser imagem e semelhança de Deus. Esse é projeto de Deus tanto para o justo como para o criminoso, não obstante as circunstâncias diferentes e a nossa descrença na capacidade de recuperação do ser humano. Por outros motivos, muitos países aboliram a **pena de morte**. Descobriram que não ajudava, em nada, a conter a violência. Talvez o contrário.

Ah! – e não esquecer os erros judiciais, às vezes descobertos muitos anos depois da condenação, com justo alívio... desde que o condenado esteja vivo, é claro!

Então, vamos mesmo matar esse homem? □



Monstro de Rostov

Andrei Chikatilo, avô de 56 anos e professor de idiomas, confessou ontem num tribunal de Rostov ser o responsável pelo assassinato e violação de 53 pessoas num período de 10 anos em Rostov e outras cidades russas. Chikatilo já fora incriminado em duas oportunidades anteriores pelo assassinato, violação e estupro de crianças e adolescentes, mas recuperou sua liberdade por falta de provas. Suas confissões revelam que outro homem, executado por esses crimes, era de fato inocente. Se for considerado culpado desses crimes, Chikatilo poderá ser fuzilado.

E o inocente sem nome, executado por engano?

Recordando o Concílio Vaticano II

Por que insistir na importância do Concílio Vaticano II?

É bom lembrar que um Concílio Ecumênico é um acontecimento na Igreja. Sobretudo nos últimos séculos: no século XVI, o de Trento; no XIX, o Vaticano I; e neste o Vaticano II.

É uma condição extraordinária para a Igreja. Todos os cristãos sabemos que o Espírito Santo dá uma assistência especial, quando a Igreja inteira, através de seus bispos está reunida.

Um Concílio Ecumênico é chamado de Magistério Extraordinário da Igreja. O que dizem o Papa (fora das vezes que fala ex-cathedra, para definir um dogma) e os bispos, chamam-se Magistério Ordinário da Igreja.

Novos fundamentos de uma concepção de Igreja no Vaticano II

Tomemos da "Gaudium et Spes", alguns parágrafos que nos parecem ser aqueles onde o Concílio coloca as bases para uma nova concepção de Igreja.

Começaremos pelo nº 22, no quarto parágrafo. Trata do homem cristão e faz dele, uma descrição. Diz que, "o homem cristão está conformado (feito) à imagem do Filho de Deus, que é o primogênito dentre muitos irmãos, recebe as primícias

Anotações de um curso de teologia para leigos do Pe. Juan Luis Segundo, S.J.

do Espírito (os primeiros dons maduros), os quais o capacitam para cumprir a lei nova do amor (sabem que o Amor é Deus; o que salva; é o único mandamento). Por meio deste Espírito, restaura-se internamente todo o homem... até que chegue a redenção do corpo (a ressurreição)". O cristão é compelido pela necessidade e o dever de lutar contra as tribulações, contra o demônio, inclusive de padecer a morte, porém associados ao mistério pascal (associados com Jesus à morte e à ressurreição). O amor significa sempre isso: dar a vida. Mas logo essa vida, aparentemente dada em vão, recupera-se na ressurreição e, identificada com a morte de Cristo, chegará, confirmada pela esperança da ressurreição.

Depois de fazer esse retrato do homem cristão e da salvação que lhe corresponde, diz alguma coisa que, antes ninguém se atreveu a dizer em teologia: "isto vale, não só para os cristãos, mas para todos os homens de boa vontade." Isto é absolutamente novo na Igreja e quando foi dito pela primeira vez, provocou um impacto enorme porque, ninguém até então, poderia tê-lo dito assim.

Foram derrubadas todas as barreiras entre a Igreja e a não Igreja no que diz respeito à participação na salvação e na graça. A graça está agindo em todos os lugares da mesma maneira, onde há um homem de boa vontade que está tratando de fazer alguma coisa pelos seus irmãos, de dar a vida por eles.



O Espírito Santo oferece a todos os homens, sem distinção, dentro e fora da Igreja, sem vantagens nem privilégios, a uns e outros, dependendo só da boa vontade do homem, a possibilidade de se associar ao mistério pascal: ao mistério da salvação, porque Cristo morreu por todos.

Este, que é o primeiro pilar de uma nova concepção de Igreja, obriga-a a procurar outra função. Antes do Concílio, a fundamental era salvar os homens: "fora da Igreja não há salvação". A função da Igreja era absorver as pessoas para dentro de si, para salvá-las; sua missão: pregar o Evangelho onde não fosse conhecido, cuidar que não se afastassem dele. Daí o empenho muitas vezes desequilibrado da Igreja de manter leis civis que protegessem os cristãos, obrigando-os a se manterem dentro dos limites da moral cristã; que não se permitisse pela lei o que não fosse compatível com a moral cristã, e o que pudesse levar as pessoas para fora da Igreja.

Daí, surge a necessidade de conceber, de uma maneira diferente, a função da Igreja, no mundo. É evi-

dente que, se a todos se dá participação no mistério pascal, a Igreja não existe para dá-la. Então, que faz Ela? qual a diferença do cristão? que tem de particular?

Vejamos o segundo texto da "Gaudium et Spes" onde também se diz algo inaudito até então e que terá muita importância para o sentido da Igreja.

No nº 11 dá a definição prática, pastoral, da Fé. Fé, teoricamente, é acreditar na revelação mas, o que faz a revelação? Esclarece aos fiéis o mistério do homem, que os não cristãos não conhecem.

"A Fé ilumina tudo com nova luz": dando-lhe sentido, faz com que o homem olhe tudo de maneira diferente; por que? por que a Fé o ilumina sobre o seu próprio mistério.

Por isso (e aqui vem uma frase completamente nova); orienta a mente; para onde? Antes do Concílio teríamos todos respondido direta e claramente: para Deus, para as coisas eternas (e não temporais), porque era essa a função da Fé.

Diz o Concílio: "por isso orienta a

mente para soluções plenamente humanas". Vejamos que aqui se esclarece a função da Igreja. Ao conhecer a vocação do homem (o que Deus quer de cada homem, o que tem dado a cada homem, o que exige de cada homem, seu destino, sua vocação integral), a Fé então, leva a mente para soluções plenamente humanas: humaniza a existência do homem.

"Tudo é iluminado com nova luz". Então, que traz a Igreja? Assim como o médico traz o conhecimento de como se recupera ou se preserva a saúde, assim a Igreja que possui, pela revelação, o conhecimento do destino total do homem, vai tratar de introduzi-lo nos problemas de maneira tal, que as soluções sejam as mais humanas possíveis. Para isso criou Deus a Igreja, para que os homens compreendessem o mistério do homem. Esse é o plano de Deus, o que Jesus chamou "o Reino".

A Fé não nos tira da terra para levar-nos a Deus, mas, nos põe na terra e nos dá uma missão, que é a de construir o Reino de Deus ou, dito em outras palavras, humanizar as soluções que os homens dão a seus problemas.

No nº 19 (e no 21, que levará a uma conclusão) dá-se mais um passo, com esta afirmação: Deus será julgado (admitido ou rejeitado) segundo sejam as soluções dos que o invocam, humanizadoras ou não, por ser isso o que têm de próprio os que acreditam em Deus.

Então, como será julgada e deverá ser julgada a Igreja e o Deus anunciado por ela? Conforme a humanização que os cristãos construam.

Há alguns elementos que seria interessante assinalar nas eclesiologias pré e pós-vaticana, para melhor compreender a inovação do Vaticano II.

Para a eclesiologia pré-Vaticano, a Igreja está pensando, fundamentalmente, em função dos cristãos que são seus destinatários. Está pensando no rebanho dos que se tinham de salvar.

Todas essas idéias de salvação dentro da Igreja, convergiam quando se dizia que sua função era de proporcionar benefícios e ajuda aos cristãos. Nesse sentido, os pastores da Igreja se sentiam responsáveis pelos cristãos. E, se se sentiam responsáveis pelos não cristãos era para trazê-los à Igreja, através de uma atitude evangelizadora, missionária.

Na eclesiologia pós-Vaticano, achamos que a Igreja está pensando em função dos não cristãos. Quer dizer: os cristãos, os que fazem parte da Igreja, estão em função dos que estão fora dela. É um organismo a serviço dos que não formam parte dele.

Queremos dizer que a Igreja é uma comunidade viva, que sente responsabilidade frente ao resto da humanidade, frente a todos aqueles que estão fora desse núcleo ativo, criador, que procura soluções mais humanas para os problemas humanos. Frente a eles, sente-se responsável.

Talvez ainda não nos tenhamos dado conta de tudo o que significa o Vaticano II: uma Igreja voltada para fora, preocupada com os outros homens. Não da prática dos fiéis, senão do que fazem com essa prática. Isto é, uma igreja que põe tudo o que faz a serviço da humanização e se julga, a si mesma, em função dela.

Todos os atos, todas as coisas que a Igreja tem, desde a missa dominical até os sacramentos, ou se traduz através dos cristãos na humanização dos homens em geral, ou não se traduz em coisa alguma. □

O Reino de Deus

O plano de Deus para o Homem é a sua plena humanização.

A realização desse plano é entregue por Deus aos próprios homens. Aos homens cabe construir um mundo justo e fraterno, no qual seja possível a plena humanização de todos os homens.

A realização completa e acabada dessa realidade perfeita só vai acontecer depois da história, depois da morte, no encontro definitivo com Deus.

A essa realidade perfeita, o Evangelho chama Reino de Deus.

Mas o Reino começa necessariamente na nossa história. Desde aqui e agora, devem realizar-se sinais do Reino, como antecipação daquela realidade futura.

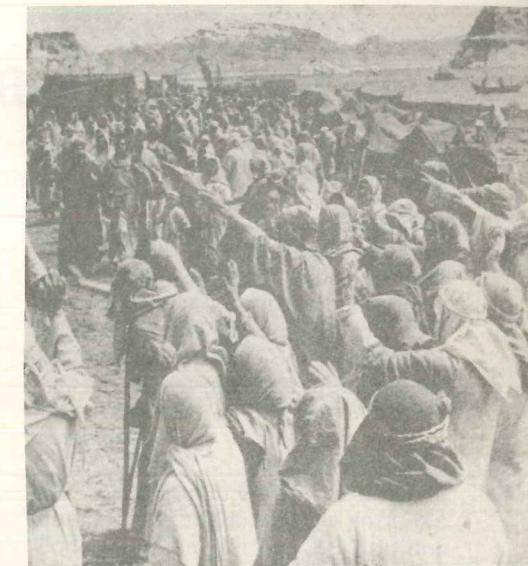
Fazer com que isso aconteça é um desafio a todos os homens e mulheres, cristãos e não-cristãos.

Trata-se de agir no mundo, nas estruturas da sociedade, para denunciar as injustiças presentes nas relações entre as pessoas, grupos, raças e nações.

É manifestar profunda indignação diante de tudo o que agride a dignidade humana. É proclamar o inconformismo diante da miséria em que vive a maioria dos homens, condenados à luta desigual pela simples sobrevivência biológica.

Trata-se, igualmente, de anunciar que são possíveis relações justas e fraternas entre os homens, numa sociedade menos desigual e opressora.

E participar efetivamente das ações que vão acontecendo nessa



busca da justiça, da fraternidade e da paz que se fundamenta no respeito à dignidade do Homem, criando à imagem e semelhança de Deus.

Os movimentos e estruturas sociais que se criam com esse objetivo contribuem para a construção do Reino de Deus. Estão abertas à participação de todos os homens de boa vontade, cristãos e não-cristãos.

Os sindicatos, as associações de moradores, os partidos políticos, os movimentos de Igreja, as entidades profissionais, as comunidades de base, os movimentos populares são instrumentos para a construção de uma sociedade mais justa e fraterna.

Para os cristãos, especialmente, participar efetivamente nos movimentos sociais e políticos comprometidos com a justiça é uma exigência de sua fé.

É tomar parte efetiva na realização do plano de Deus para os homens e antecipar o Reino, anunciado por Jesus Cristo.

Cruzar os braços seria imperdoável.

Não há tempo a perder. □

Ser família e Igreja hoje

Ser família, hoje, não é fácil!

Principalmente nas cidades que vão crescendo demais. Nessas cidades, as famílias vão se isolando e se fecham no seu pequeno mundo. Logo percebem que esse isolamento é doentio, gera mais problemas, aumenta as tensões no relacionamento pais-e-filhos e distancia a família da realidade que a envolve.

Muitas famílias, assim, vão ficando neuróticas, cheias de medos e se protegem do mundo com grades e cadeados.

Não sabem como se defender da Tv, que invade as suas casas, com atraentes mensagens de falsos valores, do culto da violência e da desvalorização cínica da sexualidade humana.

Ficam todos nervosos e excitados.

Por outro lado, também é diff-

cil ser Igreja, hoje!

Já não se trata de apenas ir à missa aos domingos ou praticar os sacramentos sem maiores compromissos.

Ser Igreja, hoje, é entendido como missão no mundo. É responsabilidade assumida de participar na construção de uma sociedade justa e fraterna, como Deus quer.

É por isso que os cristãos, quando rezam, pedem que aqui na terra a vontade de Deus se realize da mesma maneira que se realizará depois da morte. "Seja feita a vossa vontade, assim na terra como no céu". Ou seja, que já na história humana prevaleça a justiça e o amor. Esses são os valores do Reino de Deus: "Venha a nós o vosso Reino".

Isto dependerá da ação concreta e corajosa dos cristãos, que são a Igreja, Povo de Deus, iluminados pelo Espírito. É uma responsabilidade exigente.

Não, não é mesmo fácil, hoje, ser família e ser Igreja!

A não ser que os cristãos se unam e as famílias se juntem, formando comunidades solidárias e fraternas. Serão famílias que se ajudarão mutuamente a desempenhar suas funções familiares e a assumir a missão de ser Igreja.

Comunidades familiares são, portanto, uma maneira nova e fecunda de ser família e ser Igreja, num mundo em rápida transformação.

Vamos, então, enquanto é tempo, romper nosso isolamento, criar laços de amizade e cooperação, conviver e trocar experiências, dar e buscar apoio, ampliar solidariedades e agir com decisão na sociedade, formando comunidades familiares fraternas, como as dos primeiros cristãos.

Então, muitos dirão, surpreendidos: "Vejam como eles se amam!"

(At. 4, 32-33) □

À margem da História

Heracio Salles*

Programas de esterilização de mulheres começaram a ser aplicados no Brasil, de modo sistemático, em meio aos anos 70, sob inspiração direta e orientação política e técnica dos Estados Unidos. Ignoravam-no apenas os consumidores passivos de publicidade, assim como é lícito hoje conceder o chamado benefício da dúvida aos que o sabiam, em razão do ofício de cada um, mas não estariam informados de sua finalidade verdadeira. Para que esterilizar em massa as populações pobres? Respondia-se com o eufemismo despistatório do "controle da natalidade" ou do "planejamento familiar".

Desde o ano passado o fato escandaloso virou História.

Pois desde então já não há dúvida. Que os Estados Unidos conceberam e planejaram a esterilização de contingentes populacionais do Terceiro Mundo, provam-no documentos oficiais do **National Security Council** (o Conselho de Segurança Nacional, lá deles), desclassificados na categoria de secretos em 1990. Abertos assim aos pesquisadores em geral, estão sendo revelados neste momento pela instituição político-filosófica que edita em Washington a pouco conhecida mas conceituada **Executive Intelligence Review** e a elas dedica um **Memorando Especial** de interesse extraordinário.

Datados de 1974, esses papéis demonstram crua e singelamente, que três homens nos Estados Unidos formularam uma política sigilosa "para impor programas de redução populacional aos pa-

ses do Terceiro Mundo, alegando interesse da segurança nacional (norte-americana, é claro) e preservação dos recursos minerais": Henry Kissinger, chefe do dito Conselho; Brent Scowcroft, assessor de segurança nacional da Casa Branca; e George Bush, diretor da CIA.

A execução de tal política – tão rationalmente planejada quanto pragmaticamente fora ela concebida em termos de **doutrina** – deveria ser e foi objeto de "abundante financiamento" de organismos oficiais como a Usaid (Agência para o Desenvolvimento Internacional) e entidades privadas dentre as quais é citada expressamente a **International Planned Parenthood Federation**, esta representada no Brasil por uma subsidiária incumbida de orientar diretamente a implementação do plano sinistro, com avançadas técnicas de esterilização maciça: a **Sociedade de Bem-Estar Familiar**.

Principalmente nas regiões mais pauperizadas por uma política geral em si mesma reveladora de continuada submissão a interesses estranhos à nossa economia, milhões de mulheres foram e continuam sendo submetidas a processos em nada diferentes, quanto aos objetivos finais, dos empregados pelos nazistas na Alemanha de Hitler para tentar deter o crescimento numérico do povo judeu.

Não há excesso de palavras. O **Memorando Especial** da EIR, com fundamento nos mesmos papéis liberados em Washington e em outros documentos de com-

plementação da pesquisa, indica nos programas norte-americanos uma inspiração racista, objetivamente definida pelo lastro supostamente científico buscado em certa vertente do pensamento acadêmico dos Estados Unidos, da qual se revelou George Bush, quando deputado, um grande entusiasta.

De um ponto de vista estritamente político, no entanto, o objetivo posto na mira do Conselho de Segurança Nacional, sob a orientação de Kissinger, era estrategicamente econômico e a ser alcançado ao longo do tempo, segundo os cuidados que inspirava e inspira o futuro da nação norte-americana como potência dominadora do continente e de grande parte do mundo. Para conhecimento e decisão presidenciais, faz-se uma

lista de 13 países tidos como "chaves" de uma situação merecedora de ação imediata, "devido a seu crescente papel político e estratégico" e por serem avaliados como de "interesse especial, estratégico e político, para os Estados Unidos". O Brasil figurava em primeiro lugar, vindo depois, nesta ordem, Índia, Bangladesh, Paquistão, Nigéria, México, Indonésia, Filipinas, Tailândia, Egito, Turquia, Etiópia e Colômbia.

Em abril de 1974, quando o Brasil flutuava no sonho generoso do "milagre", Kissinger dirigiu aos secretários de Defesa e Agricultura, ao diretor da CIA e ao subsecretário de Estado (vice-ministro do Exterior), ao diretor da Agência para o Desenvolvimento Internacional e ao chefe do Estado-Maior das Forças Armadas um docu-

e a antevisão de possíveis efeitos negativos em países nos quais a atuação norte-americana pudesse, neste particular, ser denunciada como "forma de imperialismo racial e econômico".

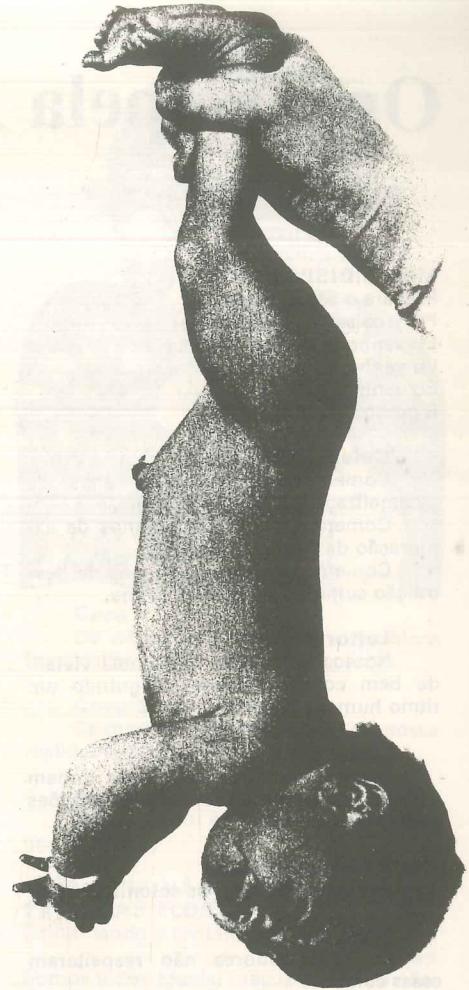
Para o problema do comércio exterior, o documento oferece uma saída (como sempre) pragmática: a eventual perda de mercados, resultante da diminuição de contingentes populacionais nos países importadores, "seria compensada por outras vantagens que os Estados Unidos desfrutariam, com a manutenção do controle do poder mundial". Quanto às desconfianças previstas, relativamente à interferência de uma potência estrangeira, o NSSM-2000 sugere que os organismos próprios do governo norte-americano sustentem de público seu apoio ao direito que tem todo indivíduo de planejar o número de filhos, assim como respaldo ao desenvolvimento econômico e social nos países mais pobres.

mento confidencial codificado como NSSM-2000 sob o título de "Implicações do crescimento da população mundial na segurança e nos interesses externos norte-americanos". Era um **memorando-estudo** em que se dizia ter sido a análise do problema "ordenada" pelo presidente para considerar projeções que alcançassem "pelo menos até o ano 2000", em relação a "alternativas do crescimento demográfico".

Segundo as técnicas de decisão do governo norte-americano, destinava-se esse documento a obter do presidente, de modo formal, o chamado "sinal verde" para a ação, embora esta freqüentemente se antecipe a uma autorização expressa. Em 1975, o mesmo Kissinger enviou à Casa Branca a documentação oficial completa, pedindo ao presidente Gerald Ford que emitisse por sua vez o necessário **memorando-decisão**, com base no qual tomariam os Estados Unidos "a liderança em assuntos pertinentes à população mundial".

Duas recomendações especiais se faziam em anexo: 1 - que fossem reforçados os fundos que o governo norte-americano já destinava ao "planejamento familiar" no Terceiro Mundo; e 2 - que se pudesse "forte ênfase" na motivação dos dirigentes dos "países-chaves em desenvolvimento" para aceitação das atividades práticas sugeridas pelo programa proposto.

À primeira recomendação correspondeu de fato um emprego maciço de recursos destinados à esterilização no Brasil. Quanto à segunda, os métodos e resultados da **motivação** - tanto no âmbito federal como no plano regional - sugerem um tipo de investigação que se inclui na competência constitucional e também no dever político do Congresso. Um inquérito parlamentar bem-orientado poderá lançar luz sobre fatos que



estariam, pelo menos, filiados assim por documento também brasileiro à categoria histórica a que são elevados pelos papéis abertos agora, nos Estados Unidos, ao conhecimento universal.

Já que não queremos ou não podemos **fazer** a História, devemos contribuir à sua margem para escrevê-la e demonstrar - quando nada - a consciência de vivermos compulsoriamente afastados das decisões que mais rudemente afetam nosso destino.

* Jornalista e ex-professor da Faculdade de Direito do Distrito Federal (Ceub) □

De Qualquer Forma

Aspectos diretamente enfocados pelo programa de esterilização: 1 - a preocupação dos Estados Unidos com a preservação dos recursos naturais, para a qual o crescimento populacional seria ameaça a afastar com determinação e rapidez; 2 - a previsão de que os mercados externos poderiam sofrer, com o êxito do programa malthusianista, reduções preocupantes para os produtos norte-americanos de exportação; 3 - a decisão de investir recursos orçamentários maciços na implementação dos planos de controle nos 13 países selecionados por critério estratégico; 4 - a adoção de uma estratégia que consistiria na imposição das políticas malthusianas em "ofensiva diplomática", mas não diretamente para não provocar reações internas, e sim por meio de organismos multilaterais como a Usaid e a Unicef; 5 -

Oração pela América

Huayna e Eliana Padilha

Música: DISPARADA

Prepare o seu coração
Pra's coisas que vou contar
Eu venho lá do sertão
Eu venho lá do sertão
Eu venho lá do sertão
E posso não lhe agradar.

Celebrante

Comemoram-se os 500 anos de evangelização da América Latina.

Comemoram-se os 500 anos de exploração da América Latina.

Comemoram-se os 500 anos de destruição cultural da América Latina.

Leitor 1

Nossos primeiros habitantes viviam de bem com a natureza, seguindo um ritmo humano de vida.

Leitor 2

Nossos primeiros habitantes tinham culturas socialmente avançadas e religiões estruturadas.

2 Leitores juntos

Até que chegaram os colonizadores.

Coro 1

Os colonizadores não respeitaram essas culturas.

Coro 2

Os primeiros padres e religiosos seguiriam as religiões existentes.

Assembléia

As culturas primitivas foram completamente arrasadas.

Celebrante

"Vinde a mim, vós, que estais aflitos sob o fardo, e eu vos aliviarei. Tomai meu jugo sobre vós e recebei minha doutrina, porque eu sou manso e humilde de coração, e achareis o repouso para as vossas almas. Porque meu jugo é suave e meu peso é leve".

Leitor 1

O jugo imposto aos nossos Índios não foi leve.

Leitor 2

O jugo imposto aos nossos Índios não foi suave.

2 Leitores juntos

O jugo imposto aos nossos Índios foi duro, cruel e violento.

Coro 1

Nossos Índios foram escravizados e explorados.

Coro 2

Nossos Índios foram obrigados a adorar um Deus que não entendiam.

Assembléia

A base espiritual do povo indígena foi abalada e destruída, sem que nada lhes fosse dado em troca.

Música: ASA BRANCA

Quando olhei a terra ardendo
Qual fogueira de São João
Eu perguntei
A Deus do Céu
Por que tamanha (bis)
Juditâo

Celebrante

Mas, após o morticínio e a destruição, os nossos Índios reagiram recolhendo-se para as florestas, largando tudo que tinham e voltando a uma vida quase selvagem.

Leitor 1

Os colonizadores desistiram de escravizar os Índios.

Leitor 2

Os colonizadores trouxeram outro povo para ser escravizado.

2 Leitores juntos

Chegaram os negros raptados de suas aldeias na África. Afinal, os nossos padres diziam que eles não tinham alma...

Coro 1

Eis que se iniciou o calvário do povo negro.

Coro 2

Eis que se iniciou a prostituição das mulheres negras.

Assembléia

O povo negro era mutilado, chicoteado e acorrentado para produzir riquezas para os colonizadores.

Música: MARIA, MARIA

Mas é preciso ter manha,
É preciso ter garra,
É preciso ter sonhos sempre
Quem traz na pele esta marca
Possui a estranha mania
De ter fé na vida.

Celebrante

Durante todo esse processo, nossa Igreja foi conivente, com exceções, para com tudo o que aconteceu, e até mesmo o justificou.

Leitor 1

Onde estava o Cristo bom e manso?

Leitor 2

Onde estava o Cristo libertador dos homens?

2 Leitores juntos

Onde estava o Cristo que não admitia a escravidão do homem a ninguém e a nada?

Coro 1

Os bons padres foram expulsos pelos colonizadores.

Coro 2

Os bons padres foram massacrados junto com os negros e os Índios.

Assembléia

Surgiram os mártires da causa do povo no Brasil, México e por toda a América Latina.

Celebrante

O povo latino-americano continua amarrado e escravizado. O povo latino-americano continua tendo sua cultura destruída num processo ininterrupto. O povo latino-americano continua espoliado e enganado.

Leitor 1

A miséria ronda os campos.

Leitor 2

A miséria ronda os bairros operários.

2 Leitores juntos

A miséria ronda a classe média.

1492
1992



V Centenario
de Evangelización
en América Latina



Coro 1

Os modelos econômicos e políticos importados continuam a ser impostos.

Coro 2

Os modelos religiosos, fora de nossa realidade, continuam a ser impostos.

Assembléia

Até quando poderemos e teremos que agüentar?

Música: PRA NÃO DIZER QUE NÃO FALEI DAS FLORES

Caminhando e cantando e seguindo a canção

Somos todos iguais, braços dados ou não
Nas escolas, nas ruas, campos,

construções
Caminhando e cantando e seguindo a canção

Celebrante

"Bem-aventurados vós, que chorais, porque vos alegrarei".

"Eu vim para que todos tenham vida, e vida em abundância".

Leitor 1

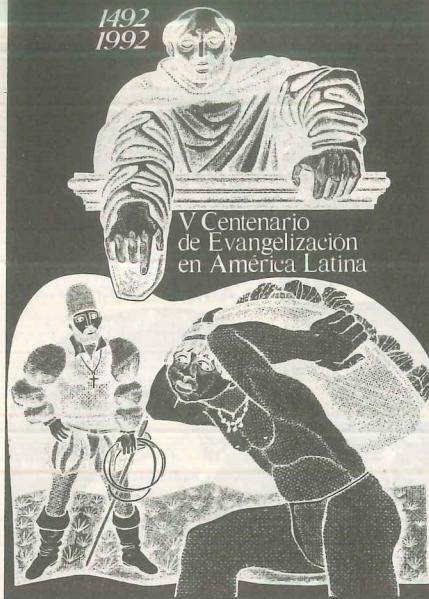
O povo se organiza para ter vida.

Leitor 2

O povo reza e espera a alegria em Deus.

2 Leitores juntos

O povo luta para que o Amor de Deus se realize aqui e agora.



Coro 1
"Os movimentos populares são anti-Cristo!"

Coro 2
"Os movimentos populares são uma ofensa a Deus e aos Homens!"

Assembléia

Isso é o que querem que acreditemos. Isso é o que infelizmente alguns cristãos equivocados pregam. Mas, o povo sabe que nada disso é verdade, e prossegue...

Celebrante

Hoje, presenciamos uma caça aos nossos teólogos. Uma caça às idéias que concretizam o Cristo em nossa realidade.

Leitor 1

Será que já temos uma nova cultura?

Leitor 2

Será que já existe um verdadeiro povo latino-americano?

2 Leitores juntos

Será que Puebla e Medellin mentiram ao falar da miséria e da exploração econômica, social e cultural de nosso povo?

Coro 1

O Concílio Vaticano II abriu a Igreja ao Mundo.

Coro 2

Puebla propõe concretizar as pro-

postas do Concílio Vaticano II na realidade latino-americana.

Celebrante

Será, meu Deus, que teremos que voltar às fogueiras da Inquisição?

Será, meu Deus, que teremos que, novamente, manter o povo na ignorância de Vós?

Será, meu Deus, que não teremos forças para reagir em Teu nome e, novamente, profetizar e lutar?

Música: CANTO NOVO

Quero entoar um canto novo de alegria
Ao raiar aquele dia
de chegada ao nosso chão
Com o meu povo celebrar a alvorada
Minha gente libertada
lutar não foi em vão.

Celebrante

Os seguidores de Cristo estão, cada vez mais, escondendo-se nas "catacumbas" e mantendo sua fé como algo particular de cada grupo.

Leitor 1

Essa descida às "catacumbas" dá-se por medo de enfrentar o mundo?

Leitor 2

Essa descida às "catacumbas" dá-se por vergonha de ser conhecido como cristão?

2 Leitores juntos

Se não é por isso, por que tantos se omitem e "deixam prá lá"?

Coro 1

Por que, como cristãos, não assumimos nossa parcela de culpa por tudo o que aconteceu na colonização?

Coro 2

Por que, como cristãos, não assumimos nossa parcela de culpa por tudo o que acontece hoje, aqui e agora?

Assembléia

Todos nós temos uma grande parcela de culpa por essa realidade aterrorizante de fome, miséria e marginalidade que afasta.

(Música)

Celebrante

Se, realmente, acreditamos que somos todos filhos de Deus e, portanto irmãos, será que sabemos o nome de nosso "Irmão Maior"? Qual é o nome d'Ele?

Música: SEU NOME É JESUS CRISTO



Os cristãos e a pobreza

Roland Corbisier

Quem era o Cristo, que inaugurou uma nova era na história, pois estamos no ano de 1992 da era cristã? Era um representante da iniciativa privada, um proprietário rural, um mercador, um homem rico, nascido em berço de ouro? O Cristo era um pobre, filho de carpinteiro, nascido na manjedoura embora fosse, para aqueles que acreditam em sua divindade, a encarnação da Segunda Pessoa da Santíssima Trindade. Por que o Deus todo poderoso, em sua infinita sabedoria, não escolheu um rico, um milionário, mas um pobre, para assumir a forma humana? Terá sido por acaso, em virtude de circunstâncias meramente fortuitas? Ou, ao contrário, essa escolha é significativa, achando-se desde sempre, incluída nos planos insondáveis da Providência? Não é de crer que a escolha tenha sido fortuita porque o Cristo não só era pobre mas sempre se portou como um pobre, defendendo os humilhados e os ofendidos, os espoliados e os oprimidos. Aos olhos dos senhores romanos, dos patrícios, o Cristo era um subversivo, um agitador, que pregava uma crença maléfica, que atentava não só contra a superestrutura ideológica do Império, o politeísmo, mas também contra a infra-estrutura econômica e social, a escravidão. Fosse Cristo um conservador, um defensor do *status quo*, dos interesses dos patrícios, dos aristocratas romanos, e não se explicaria a perseguição de que foram vítimas os cristãos dos primeiros séculos. Por que se abrigavam nas catacumbas, por que, eram entregues às feras no Coliseu, por que eram crucificados? Não terá sido porque representavam um perigo, uma ameaça para a ordem romana, para a segurança e a es-

tabilidade do Império? O Cristianismo primitivo não era a religião dos senhores, mas, ao contrário, a religião dos escravos. E todos os que leram sua obra, sabem que essa é a grande queixa de Nietzsche contra o Cristianismo primitivo, ter sido a religião dos escravos, "ressentidos" com a riqueza e o poderio dos senhores.

E os apóstolos, encarregados pelo Cristo de levar sua palavra, a boa nova a todas as criaturas, em todos os cantos do mundo, quem eram? Também não eram homens ricos, poderosos, nem sequer filósofos, mas pobres, humildes e ignorantes pescadores. E foram esses pobres, humildes e ignorantes pescadores que propagaram a palavra do Cristo, levando a mensagem cristã aos últimos confins do Império. Durante mais de três séculos os cristãos foram perseguidos e martirizados, até a conversão de Constantino e a promulgação do Cristianismo como religião do Estado, com Teodósio. Não se pode, pois, confundir o Cristianismo, a palavra e o exemplo de Cristo, com o Cristianismo institucionalizado, convertido em Igreja, proprietária, rica, associada aos senhores, conservadora do *status quo*. Basta, para tomar consciência da transformação sofrida pela igreja, depois de oficializada, comparar os textos dos padres dos primeiros séculos até Santo Agostinho, com os textos de Santo Tomás de Aquino, por exemplo, que justifica, na *Suma Teológica*, não só a morte, mas a mutilação dos hereges, assim considerados pela "Santa Inquisição". Justificação essa retomada em nosso século pelo conhecido autor católico Jacques Maritain.

Mas, qual era a palavra do Cristo a respeito da riqueza? "Cuidai e guardai-vos de toda covardia, porque a vida de alguém não está na abundância de seus have-

res (Lucas, 12, 15-21)". "Não entesoureis para vós tesouros na terra... mas entesourai tesouros no céu... porque onde está o vosso tesouro afi está o vosso coração." (Mateus, 6, 24) "Ninguém pode servir a dois senhores, porque ou odiará a um e amará ao outro, ou será dedicado a um e desprezará o outro. Não podeis servir a Deus e a Mamon." (Mateus, 6, 24). "E enquanto ia pelo caminho, correu a ele um que, de joelhos, lhe perguntou: 'Bom mestre, que hei de fazer para alcançar a vida eterna?' Respondeu-lhe Jesus: 'Por que me chamas bom? Ninguém é bom senão Deus. Sabes os mandamentos? Não matar, não cometer o adultério, não roubar, não levantar falso testemunho, não defraudar, honrar pai e mãe?' E ele respondeu: 'Mestre, tudo isso observei desde a minha juventude'. Então, Jesus fitou-o com amor e disse: 'Uma coisa te falta: vai e vende o que tens e dá-o aos pobres e terás um tesouro no céu; vem e segue-me carregando a cruz'". Ouvindo essas palavras, entristeceu-se e afastou-se melancólico, porque tinha muitos haveres." (Marcos, 10, 17-22) "Então, voltando em torno o olhar, Jesus disse aos seus discípulos: 'Quão dificilmente entrarão no reino de Deus os que têm riquezas'. Ficaram os discípulos atônitos com essas palavras, mas Jesus voltou a repetir-lhes: 'Filhos, como é difícil para os que confiam nas riquezas entrar no reino de Deus. É mais fácil passar um camelo pelo buraco de uma agulha do que entrar um rico no reino de Deus.' (Marcos, 10, 13-16) Com um chicote de cordas, Jesus expulsou os vendilhões do templo, intimando-os nos seguintes termos: "Tirai estas coisas daqui; não façais da casa de meu Pai uma casa de comércio." (João, 10, 13016). E, a esses textos poderíamos acres-

centar muitos outros.

A palavra do Cristo, como acabamos de ver, é clara, incisiva, contundente. Não comporta interpretações sibilinas e farisaicas, como a distinção entre a pobreza espiritual e a pobreza material etc. A pobreza é a privação do supérfluo, em contraste com a miséria, que é a privação do necessário. O Cristo não faz a apologia da miséria, mas da pobreza, que, até hoje, é um dos votos daqueles que se ordenam padres. Os ricos podem, sem dúvida, entrar no reino de Deus, desde que se convertam ao Cristianismo, desde que vendam tudo o que têm e o distribuam aos pobres, pois não é possível servir a dois senhores, a Deus e ao dinheiro, e é preciso renunciar ao dinheiro para entrar no reino dos céus e alcançar a eterna beatitude.

Os cristãos e a propriedade

Em flagrante contraste com a doutrina dos padres da Igreja, dos primeiros séculos do Cristianismo, os sacerdotes conservadores fazem a apologia do capitalismo e do que está na raiz do capitalismo, a propriedade privada dos meios de produção. Não cremos seja inoportuno, a respeito do assunto, citar alguns textos dos padres da Igreja, muitos deles santos, canonizados. Tertuliano (160-240), por exemplo, diz a respeito: "Nós, os cristãos, somos irmãos no que se refere à propriedade que, entre nós (o gentio), origina tantos conflitos. Unidos de coração e de alma, consideramos todas as coisas como pertencentes a todos. Compartilhamos de tudo em comum, exceto as mulheres. Entre vós, ao contrário, são as mulheres a única coisa que tendes em comum." No mesmo sentido, escreve Basílio (329-379): "O pão de que te apro-

prias é daquele que tem fome; do que está nu, a roupa que guardas em teu armário; do que está descalço, os sapatos que se estragam sem utilidade em tua casa, do que nada possui, o dinheiro que está em teu cofre." São Jerônimo (331-420) dizia também: "Qualquer um que possua mais do que o necessário para viver deverá dá-lo a outrem e considerar-se devedor de tudo quando dá." Santo Ambrósio (340-397) diz, no mesmo sentido: "A natureza dá tudo em comum a todos. Deus criou os bens da terra para que os homens os desfrutem em comum e para que sejam propriedade comum de todos. Foi a natureza, portanto, que estabeleceu a igualdade e foi a violência que criou a propriedade privada." São João Crisóstomo (344-407) chegou a afirmar: "Impossível enriquecer honradamente. Mas, perguntarão, se houver heraldo de seus pais? Pois bem, terá heraldo o que foi adquirido desonestamente." E Santo Agostinho (354-430), a nosso ver o maior teólogo da Igreja, também dizia, no mesmo sentido: "Não é em virtude de direito divino, mas em virtude do direito da guerra que alguns podem dizer: esta casa é minha, esta vinha é minha, este servo é meu", acrescentando: "O supérfluo dos ricos é o necessário dos pobres. Quem possui um bem supérfluo possui um bem que não lhe pertence."

Síntese de dois artigos do autor, publicados no Jornal do Brasil. □

A violência gera a morte

A realidade de violência generalizada inquieta e até amedronta a todos. E, nessa situação, verificamos que a impunidade acaba estimulando ainda mais a prática perniciosa da violência. Muitos crimes praticados em nosso Estado, até hoje não foram devidamente esclarecidos e os responsáveis por eles também não foram, com justiça, punidos. Às vezes, somente os pobres é que são castigados. As cadeias estão cheias de pobres como se somente eles é que praticassem o crime. A sociedade vai se irritando em ver que, com tanta freqüência, os possuidores de riquezas e prestígio dificilmente são punidos pelos crimes que praticam e raramente vão para a cadeia. Isso pode gerar uma perigosa reação por parte das camadas populares.

Tem sido frequente, nos noticiários, a presença de policiais (civis e militares) envolvidos em ações violentas e crimonosas. Exatamente aqueles que deveriam ser os defensores dos cidadãos, passam a ser vistos como uma ameaça para eles.

A impunidade, a cumplicidade e a morosidade com que muitos processos se arrastam acabam gerando o descrédito no Poder Judiciário. Isso estimula a prática de

Texto extraído da Carta Pastoral de 25/11/90, dos Bispos do Espírito Santo, D. Silvestre Luís Seandian (Vitória), D. Aldo Gerna (S. Mateus), D. Luís Mancilha Vilela (Cachoeira de Itapemirim) e D. Geraldo Lírio Rocha (Colatina), n°s 5 a 57, 60 a 65 – excluídos os tópicos que se referem a exemplos locais, para destacar a análise que ultrapassa os limites geográficos de suas dioceses.

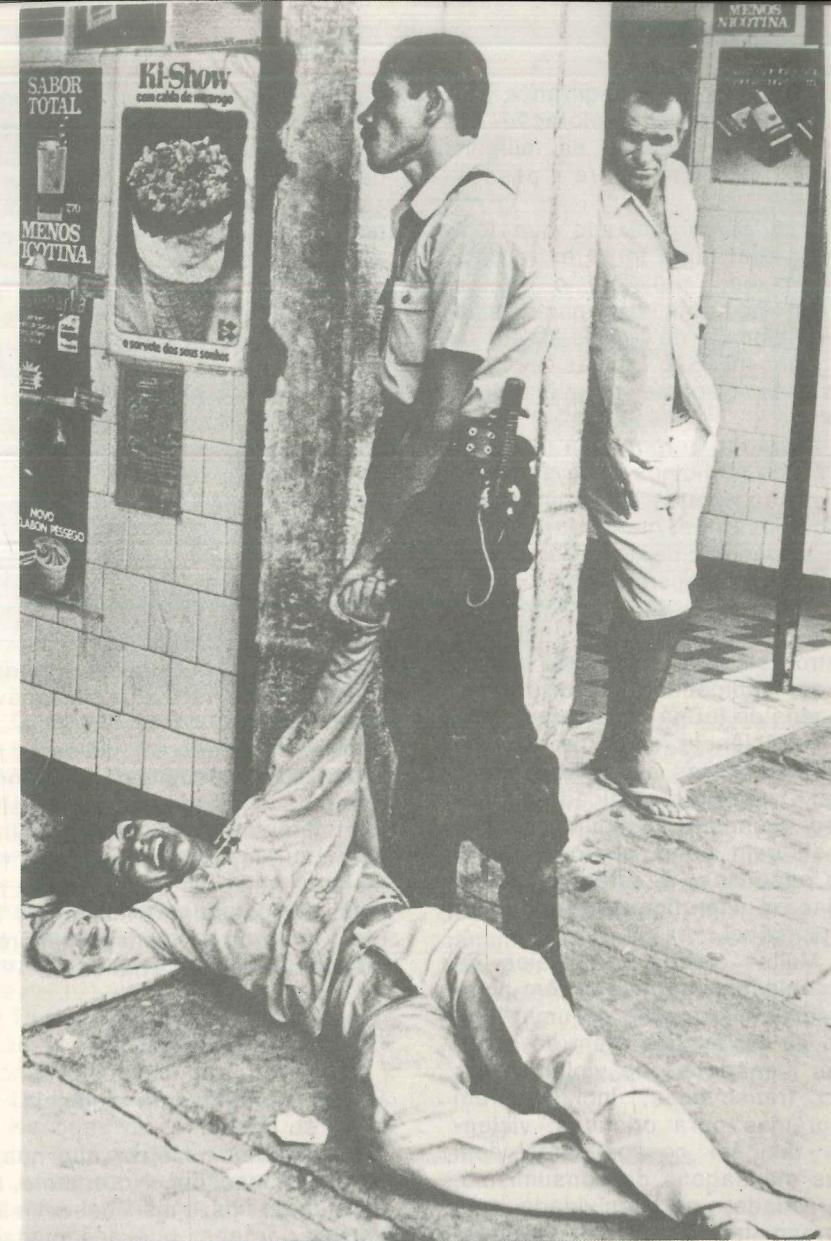
novos crimes, encoraja o recurso à violência e leva muitos à tentação de “fazer justiça com as próprias mãos”.

“A própria Justiça, que deveria ser o reduto intacto do exercício ético do Direito, em determinados casos é desvirtuada, lenta e elitizada, protelando o processamento de causas especialmente criminais. A cumplicidade e a impunidade favorecem os corruptos e estimulam, no campo e na cidade, o sacrifício de vítimas inocentes” (CNBB, Doc 42, nº 27).

É violenta a própria realidade social, política e econômica em que vivemos. Cresce a pobreza em nosso Estado. O modelo concentrador de riquezas que o capitalismo selvagem implantou no Brasil tem gerado uma situação de violência em nossa terra. Concentram-se os lucros, as terras, os bens e o poder nas mãos de poucos, deixando muitos de mãos vazias. Pobreza, miséria, analfabetismo, migrações forçadas, doença e fome são sinais evidentes de uma situação de violência institucionalizada.

As próprias condições de vida acabam sendo violentas: transporte urbano inadequado; sistema habitacional insuficiente; sistema de saúde que desrespeita os direitos fundamentais da pessoa humana; sistema educacional discriminador; abandono dos idosos ou deficientes...

A violência no campo, gerada pelo concentração de terras e pela ação crimonosa do latifúndio está causando a morte de tantos irmãos que lutam pela terra e pela



justiça. Os que impedem a realização de uma reforma agrária justa são responsáveis diante de Deus e da História pelo sangue que tem sido derramado.

A violência gerada pela criminalidade está tornando insuportável a vida nas cidades. Assaltos,

estupros, seqüestros, linchamentos vão fabricando muitas vítimas e deixando toda a população insegura.

Tem muitas faces e expressões a violência no trabalho: salários baixos, instabilidade, insalubridade, desemprego, horas extras

não-pagas, falta de segurança para o trabalhador, exploração do trabalho do menor e da mulher, condições indignas para a pessoa humana...

O crime organizado que tem atuado com tanta força entre nós, infelizmente, projetou o nosso Estado no noticiário nacional e internacional, de forma triste e vergonhosa. São muitas as vítimas que o crime organizado já deixou.

A prática vergonhosa da eliminação de mendigos e de menores sujou não apenas as páginas dos noticiários, mas, manchou de sangue as páginas de nossa história.

O sistema penitenciário torna-se sempre mais violento e provoca muitas explosões de violência dentro dele. Os presos são muitas vezes submetidos à tortura ou tratados de forma desumana.

A violência se expressa em diversas formas de desrespeito à vida: O aborto é praticado em número crescente e muitos até o consideram como se fosse solução adequada. A esterilização de mulheres é praticada de modo irresponsável.

Muitas vezes, os Meios de Comunicação de Massa têm colaborado na formação de uma "cultura da violência". Além de contínuas mensagens de violência por eles transmitidas, inclusive em programas para crianças, violentam também nossos lares com suas mensagens de consumismo, imoralidade, permissividade que desrespeitam o pudor e a dignidade da família.

As imagens da morte vão se espalhando por toda parte. A violência contra o meio ambiente está poluindo a natureza, agredindo as fontes da vida e disseminando a imagem da destruição.

Constatamos, com muito pesar, que a opinião pública vai se acostumando com as notícias fre-

quentes de violência, e já nem reage mais. São poucas as vozes que se levantam, em nossa sociedade, para protestar contra essa situação desumana provocada pela violência em suas variadas formas. São pouquíssimas as ações concretas, em nossa terra, que buscam transformar esse quadro de morte e procuram criar uma consciência ética que repudie firmemente a violência. Infelizmente, tem-se a impressão de que a sociedade se mostra satisfeita com o uso da violência para combater a violência, por exemplo aplaudindo a ação dos atiradores de elite, defendendo a pena de morte ou participando de linchamentos e massacres.

A prática generalizada da violência vai nos colocando dentro dessa espiral terrível e implacável que destrói a vida: violência na família e na escola; violência da droga e do alcoolismo. Violência por toda a parte com suas listas intermináveis de vítimas: trabalhadores rurais, líderes sindicais, militantes políticos, sacerdotes e religiosos, posseiros, mulheres, índios, negros, jovens, menores, mendigos, velhos, crianças...

A Vida é dom de Deus

Raízes Históricas da Violência

Costumamos dizer que nossa história é pacífica. No entanto, se aprofundarmos mais nossa visão, vamos perceber que a sociedade brasileira é historicamente muito violenta. A violência está na raiz de nossa história.

O processo de colonização se desenvolveu num clima de muita violência praticada pelos colonizadores contra os povos indígenas que habitavam nesta terra e acabaram quase totalmente extintos.



O trabalho escravo expressa outra forma cruel de violência praticada pelos senhores brancos contra os escravos negros.

O autoritarismo que sempre defendeu os interesses e privilégios das elites econômicas esteve presente de formas diversas em toda a nossa história tanto na Colônia, como no Império e na República.

Todos nós recordamos da violência praticada pelo regime autoritário implantado no Brasil em 1964.

Na base do fenômeno da violência, está, muitas vezes, a própria estrutura de nossa organização social. Vivemos numa sociedade que, historicamente, sempre se caracterizou pela concentração do poder que, para se manter, não tem escrúpulos em usar de recursos violentos. Em contrapartida, uma população oprimida que se cansa de ver seus direitos fundamentais negados, marginalizada do processo produtivo e impedida de participar do banquete da vida, acaba explodindo com manifesta-

ções individuais ou coletivas de violência. A exploração causa embrutecimento do ser humano.

A luta contra a violência inclui, necessariamente, empenho pela construção de uma sociedade justa que recupera a dignidade da pessoa humana e reencontra os caminhos para uma convivência fraterna.

Violência é tudo aquilo que destrói a vida, fere a consciência, mutila o corpo, desrespeita os direitos da pessoa humana.

Critérios Evangélicos

A fé cristã nos diz que uma sociedade assim, tão violenta, não está de acordo com o Projeto de Deus: (Cf Mt 5). Estruturas sociais que marginalizam grande parte do povo, não estão em conformidade com o Evangelho de Cristo: "Vós sois todos irmãos" (Mt 23,8). A prática da violência não corresponde aos critérios colocados por Deus para a convivência entre as pessoas. Tirar a

vida do semelhante é, portanto, desobedecer gravemente a Lei de Deus: "Não matarás" (Ex 20, 13). As atitudes e comportamentos violentos são uma desobediência ao Mandamento Novo que Cristo nos dá: "Amai-vos uns aos outros como eu vos amei" (Jo 13,34).

Na raiz de toda violência, esconde-se um mal gravíssimo: a perda do sentido de Deus. Quem se esquece que Deus é Pai, acaba também se esquecendo que o outro é irmão (Cf. Mt 6,9).

A não ser no caso extremo de legítima defesa, ninguém tem o direito de tirar a vida de seu semelhante. Quem tira a vida de seu próximo, está se colocando no lugar de Deus. Só ele é Senhor da vida (Cf Gn 2,7).

O cristão, portanto, não pode aceitar nenhuma ação que vise a destruição da vida. Assim fez o próprio Jesus Cristo que diz: "vim para que todos tenham vida e a tenham em abundância" (Jo 10,10). A vida que Jesus veio trazer e quer comunicar a todos exige de nós um esforço permanente para arrancar de nosso meio todos os sinais de morte e plantar sementes que geram vida.

Cada comunidade eclesial e cada cristão em particular tem a missão de fermentar o mundo com o bom fermento da justiça, do amor, da solidariedade, do respeito à vida. Só assim teremos verdadeira paz, pois "a paz é fruto da justiça" (Is 32,17).

É preciso reagir contra as forças poderosas que buscam estabelecer a vingança, o desamor, o ódio e a violência como diretrizes para a vida em sociedade. O ódio e o rancor destroem a vida! O mal produz o mal! Nós cristãos recebemos de Cristo o ensinamento: "amai os vossos inimigos e orai pelos que vos perseguem" (Mt 5,44).

Unidos na fé e no amor frater-

no, temos a missão de colaborar na construção de uma sociedade nova, fundada na solidariedade, e não na competição; no espírito comunitário, e não no individualismo; na justiça, e não na opressão; no primado da pessoa humana, e não do capital; na fraternidade, e não na violência. Para alcançarmos isso, precisamos também de um trabalho sério de conscientização e de organização do povo. Nesse campo, a Igreja quer dar sua colaboração, naquilo que lhe é específico, ao lado do esforço realizado por outras entidades da sociedade civil.

Só na partilha dos bens, da vida e da fé é que será possível construir uma sociedade fundada na justiça e na fraternidade. Sem solidariedade não há paz. Ensina-nos o Papa João Paulo II: "A paz é o fruto da solidariedade" (Soliditudo Rei Socialis, nº 39).

A Palavra de Deus, ao mesmo tempo que nos convoca, questiona nossa vida, ilumina nossa realidade, dá sentido à nossa História e aponta-nos o caminho certo que garante a realização do Projeto de Deus e a concretização do seu Reino que aqui começa e só se realizará plenamente quando toda a humanidade estiver congregada diante do Cordeiro, "trazendo sobre a fronte o nome dele e de seu Pai" (Ap 14,1).

Nossa luta contra a violência é pois consequência de nossa fé. Diante da violência causadora da morte, não podemos nos acovardar e nos omitir. Temos que dizer "sim" à vida. Em nome de Cristo, temos que bradar bem forte: "basta de violência!"

Não podemos ceder à tentação do ódio, e da vingança (Cf Ro 12,19). A Palavra de Deus permanece atual para todos nós: "Ouvistes o que foi dito aos antigos: Não matarás. Eu porém vos digo: Todo aquele que se encolerizar



foto Sidney Waismann

contra seu irmão, terá de responder em juízo. Ouvistes o que foi dito aos antigos: Olho por olho e dente por dente. Eu porém vos digo: não resistais ao homem mau; antes, àquele que te fere na face direita, oferece-lhe também a esquerda. Ouvistes o que foi dito: Amarás o teu próximo e odiarás o teu inimigo. Eu porém vos digo: amai os vossos inimigos e orai pelos que vos perseguem. (Mt 5,21 - 22,38 - 39,43-44).

Em Defesa da Vida

O nosso "não" precisa ser coerente e eficaz. Não podemos ficar indiferentes diante da situação dramática de nosso Estado, duramente golpeado pela violência.

São muitas as iniciativas que podem ser desenvolvidas para combater a violência e despertar a consciência especialmente dos cristãos e de todas as pessoas de bem para que não se acomodem diante da realidade tão cruel e não se tornem insensíveis diante de tanta morte provocada pela mal-dade humana.

Como Pastores, respeitosamente, mas, com a firmeza que deve acompanhar nossa missão profética, dirigimos-nos a todos aqueles que têm responsabilidades na condução de nossa Estado.

O Poder Executivo é chamado a superar todo resquício de autoritarismo e a desenvolver uma ação concreta que garanta o pleno exercício da cidadania. Com energia, é preciso coibir o abuso do aparelho repressivo que, sob o pretexto de combater a violência e o crime, utiliza-se, muitas vezes, de ações violentas e criminosas. Haja melhor seleção, formação e remuneração para as Polícias Civil

e Militar e os próprios policiais, no exercício de sua missão, respeitem os direitos humanos.

A ação do Ministério Público deve se desenvolver com mais rapidez e eficácia para garantir o pleno reconhecimento dos direitos dos cidadãos e uma autêntica distribuição da justiça.

Há necessidade urgente de uma revisão e reordenamento do Sistema Penal para que não seja excludente, permita a recuperação dos presos e sua readaptação à vida em sociedade.

O Poder Judiciário tem especial responsabilidade na questão da violência. Importa que se torne mais acessível à maioria do povo e supere o formalismo jurídico que reduz o direito à lei, distanciando-se, assim, do caminho da justiça.

O Poder Legislativo tem o dever de representar o povo e expressar suas legítimas aspirações superando uma democracia meramente formal e caminhando para o exercício pleno de uma democracia verdadeiramente participativa.

É necessário favorecer "o crescente desejo de participação em todos os níveis, levando pessoas e grupos a sair da atitude de passividade e resignação, para assumir atitudes críticas, tomar iniciativas e promover a defesa de seus direitos" (CNBB, Doc. 42, nº 56).

Os Partidos Políticos, cujo dever é defender os legítimos interesses da sociedade, devem posicionar-se com mais vigor na denúncia e no combate às várias formas de violência.

Os sindicatos, associações civis e organizações populares, precisam encontrar caminhos para seu ressurgimento em vista da defesa dos direitos dos cidadãos e fortalecimento da sociedade civil.

Um apelo especial dirigimos aos Meios de Comunicação de Massa para que substituam suas

mensagens de violência que geram a morte, por mensagens de amor e paz que geram vida e fraternidade e não se prendam quase exclusivamente na divulgação de fatos negativos e violentos.

As escolas busquem superar as diversas manifestações de violência que ainda vigoram, muitas vezes, em nosso sistema educacional e entrem firmemente num processo de educação para o respeito ao outro, para a prática dos direitos humanos e para a solidariedade.

A própria Igreja, através das Paróquias, Comunidades Eclesiais de Base, Pastorais Específicas, Movimentos Apostólicos e Associações Religiosas, reafirma sua posição clara de combate à violência e o propósito de levar adiante uma ação firme de formação da consciência cristã dentro da ética do Evangelho.

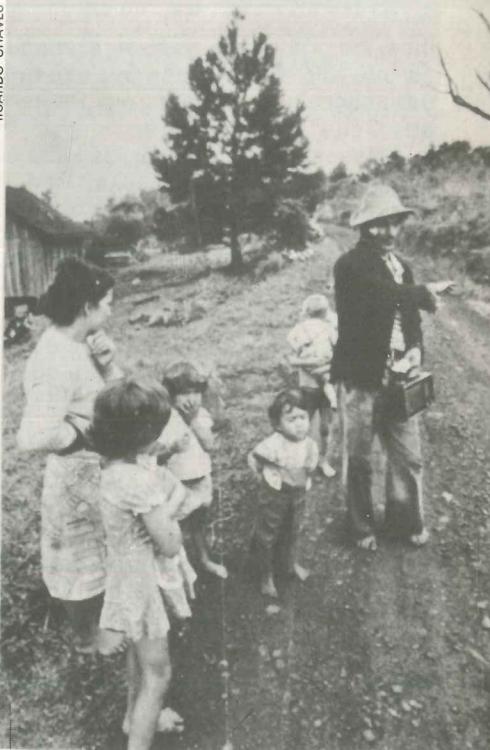
A Igreja apóia os organismos de solidariedade em favor dos oprimidos e das vítimas da violência. Valoriza as organizações populares que buscam promover a participação dos cidadãos, o exercício pleno da cidadania e a defesa dos direitos da pessoa humana.

Além disso, a Igreja não pode abrir mão de sua missão profética de denunciar as manifestações de violência em suas diferentes formas de violação dos direitos humanos. Como freqüentemente são os pobres as principais vítimas da violência, a Igreja encoraja "a evangélica opção preferencial pelos pobres".

Por todos os meios, os cristãos devem engajar-se na luta em favor da vida e, motivados pelo exemplo de Cristo, comprometam-se, firmemente, na defesa da dignidade da pessoa humana e no empenho pela preservação da vida.

Respeitosamente, dirigimos

RICARDO CHAVES



um convite às outras Igrejas Cristãs para nos unirmos em favor desta causa evangélica e assim, manifestarmos que não amamos "com palavras nem com a língua, mas com ações e em verdade" (1 Jo 3,18).

Conclusão

No meio das terríveis e variadas manifestações da violência, graças a Deus, não faltam os gestos corajosos de tantos irmãos que lutam para reverter o triste quadro de morte. Como Pastores, queremos dirigir uma palavra de encorajamento aos irmãos que buscam vencer a injustiça e a violência, com as armas da justiça e da paz e, tantas vezes, por isso, sofrem perseguição. Recordamos da palavra do Senhor: "Bem-aventurados os que promovem a paz, porque serão chamados fi-

Ihos de Deus. Bem-aventurados os que são perseguidos por causa da justiça, porque deles é o Reino dos Céus" (Mt 5,9-10).

Nessa luta em favor da vida, as dificuldades são grandes. Mas, não podemos desanimar. A onda de violência parece ameaçar engolir a todos nós. Sentimo-nos como o pequeno Davi diante do gigante Golias. Entretanto, a fé alimenta nossa esperança que é para nós uma certeza: "Eis que estou convosco todos os dias" (Mt 28,20).

É preciso aprofundar a reflexão sobre a violência, suas causas e suas consequências. É preciso, também, desenvolver uma ação concreta para a superação dessa situação dolorosa e dramática. A consciência cristã não po-

de se acomodar diante da violência.

Em nome de Cristo, dirigimos a todos os que têm o dever de preservar a vida e a responsabilidade de zelar pela paz na sociedade e segurança dos cidadãos, para que se empenhem firmemente na luta para erradicar a violência que tantas vítimas tem produzido entre nós.

A força da Palavra de Deus é capaz de mudar nossa vida e transformar nossa História. "A ninguém pagueis o mal com o mal; seja vossa preocupação fazer o que é bom para todos, procurando, se possível, viver em paz com todos, por quanto de vós depende. Não vos deixeis vencer pelo mal, mas vencei o mal com o bem" (Ro 12,17-19.21). □



Para não separar fé e vida

Seria um equívoco apegar-se e tentar reproduzir, nos nossos dias, formas de espiritualidade que já não respondem às novas interpretações do mundo moderno.

Hoje se questiona a espiritualidade desencarnada e descomprometida com as necessidades dos homens.

Que sentido teria uma espiritualidade familiar e comunitária, sem compromisso ético com a justiça e o amor ao próximo?

Seria válida a prática religiosa sem coerência com os atos concretos da vida quotidiana?

A oração pode se reduzir a magia e comercialização com Deus...

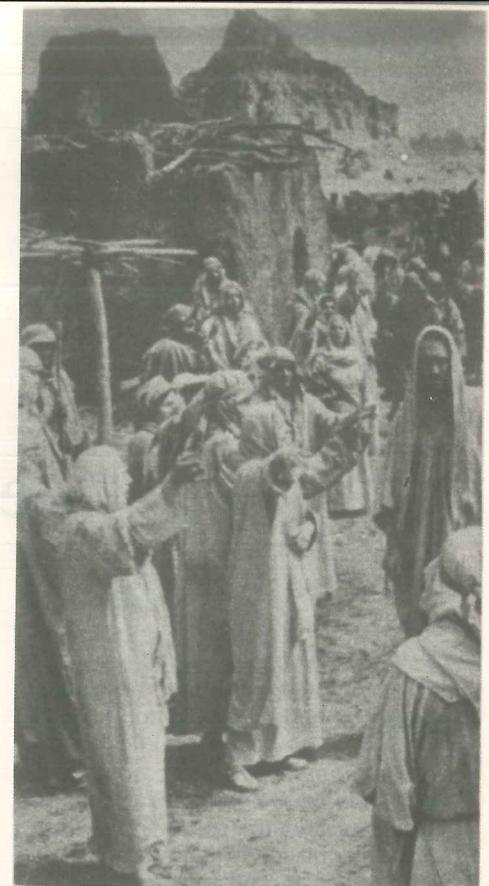
A vivência sacramental e a liturgia estarão muitas vezes vazias de sentido e conteúdo.

É preciso dar sentido efetivo e renovado a todas estas formas de exprimir-se e alimentar-se uma verdadeira espiritualidade.

O cristão é desafiado a descobrir o sentido da espiritualidade que o mundo de hoje reclama: como indivíduo, como casal, constituído em família e como membro do Povo de Deus, sensível aos sinais dos tempos.

Há uma forma exigente de se viver uma espiritualidade encarnada, no nosso contexto social.

Com efeito: percebe-se, hoje, no nosso Continente, viva reação



à situação de injustiça e à iniquidade dos sistemas sociais que marginalizam grande número de famílias, condenadas a extrema pobreza.

Este fenômeno é agora identificado como situação de pecado.

O cristão é chamado, então, a assumir a causa dos pobres e de sua libertação da opressão, da miséria e procura assumir, junto com eles, compromissos sociais e políticos, que possibilitem construir um mundo em que os homens possam viver como irmãos.

Assumir esta causa, com todas as consequências, como opção de Fé, será uma forma exigente de se viver, hoje, uma autêntica espiritualidade cristã, no compromisso de construção do Reino de Deus, aqui e agora. □

Conversa Entre um Físico e dois Teólogos Sobre a Amplitude do Problema Ecológico

Um planeta em perigo!

Apresentação dos personagens e explicação da dinâmica desse trabalho.

Pensamos que essa conversa fictícia entre um físico e dois teólogos contribuirá para nos dar, a todos, uma visão clara e mais ou menos global sobre a verdadeira dimensão da crise ecológica que hoje preocupa a todo o mundo. Por ser vasta e complexa é, em geral, apreendida por muitos em apenas algum ou alguns de seus elementos, ficando muitas vezes na sombra aquilo que realmente a caracteriza. Isto é, contentamo-nos muitas vezes em detectar e combater seus sintomas mais visíveis sem procurar suas verdadeiras causas, sem perceber que eles são apenas consequência de algo que, transcendendo-os, neles se manifesta.

Os protagonistas dessa conversa imaginária são:

O físico Fritjof Capra, os teólogos Alfonso Garcia Rubio e Pedro Ramão Hilgert.

Os livros de que nos servimos para montar essa conversa são:

“O Ponto de Mutação”, de

José e Beatriz Resende Reis

Capra, Editora Gultrix, S. Paulo, 1982;

“Unidade na Pluralidade” de Garcia Rubio, Ed. Paulinas, 1989;

“Jesus histórico, ponto de partida da cristologia latino-americana” de Ramão Hilgert, Editora Vozes, 1987.

Usando as próprias colocações dos autores, (citando inclusive, após a colocação de cada um, a página em que no livro se encontra), esperamos abrir cada vez mais nossa perspectiva para podermos analisar o problema que é de todos nós e, ao mesmo tempo, motivar cada um a assumir o papel que lhe cabe, como ser humano e como cristão.

Esperamos que cada um, após tomar conhecimento da verdadeira amplitude do problema, saiba encontrar seu lugar e assumir sua missão. Esperamos ainda que o MFC, movimento leigo e familiar, consciente e adulto, se deixe questionar por essa conversa que, como conversa é imaginária, mas como reflexão é autêntica e fiel às colocações dos autores que tivemos a liberdade de colocar frente à frente.

Constatando e Analisando a Situação

Capra

“As últimas décadas de nosso século vêm registrando um estado de profunda crise mundial. É uma crise complexa, multidimensional, cujas facetas afetam todos os aspectos de nossa vida – a saúde e o modo de vida, a qualidade do meio ambiente e das relações sociais, da economia, da tecnologia e política. É uma crise de dimensões intelectuais, morais e espirituais, uma crise de escala e prenência sem precedentes em toda a história da humanidade.

Pela primeira vez temos que nos defrontar com a real ameaça de extermínio da raça humana e de toda a vida no planeta”. (19)

Garcia

“O desafio ecológico é tremendamente complexo e a mesma problemática do desenvolvimento, tão difícil, está incluída neste desafio, e de maneira fundamental, pois o desenvolvimento diz res-

peito à utilização dos recursos naturais para o bem estar do homem.” (443)

Ramão

“... a ordem social não cai do céu não é um produto da natureza nem é a concretização material de uma determinada ordem metafísica! É um produto humano, uma progressiva construção humana. Em sua gênese e em sua existência, em qualquer lugar ou instante do tempo, ela é resultância da atividade humana”. (É preciso portanto) “... analisar a fundo a situação para compreendê-la como produto de toda uma determinada estruturação da realidade, e que dá origem à realidade que o continente hoje vive”. (23 e 52).

Capra

Uma das características predominantes das economias de hoje, tanto a capitalista quanto a comunista, é a obsessão com o crescimento. O crescimento econômico e tecnológico é considerado essencial por virtualmente todos os economistas e políticos, embora nesta altura dos aconte-





cimentos já devesse estar bastante claro que a expansão ilimitada num meio ambiente finito só pode levar ao desastre". (204)

Garcia

"A imitação do caminho seguido pelos países ricos para o seu desenvolvimento leva ao aprofundamento da estrutura social injusta, herdada do modelo colonial e neo colonial. Além de injusto é também, inseparavelmente destruidor da natureza" pois "os países ricos devoram com apetite cada vez mais voraz, os recursos naturais da terra, recursos próprios, mas também (e especialmente) recursos dos países periféricos". (458 e 443)

Capra

"O crescimento econômico, em nossa cultura, está inextricavelmente ligado ao crescimento tecnológico. Indivíduos e instituições são hipnotizados pelas maravilhas da tecnologia moderna e passam a acreditar que para todo e qualquer problema há uma solução tecnológica. Quer o problema seja de natureza política ou ecológica a primeira reação que surge quase automaticamente é abor-

dá-lo, aplicando ou desenvolvendo alguma nova tecnologia". (209)

Garcia

"Seria grande ingenuidade acreditar que o problema ecológico poderia ser resolvido com uma mera orientação das aplicações técnicas das pesquisas científicas ou com meras mudanças nas prioridades do planejamento econômico. O problema é bem mais grave e mais abrangente. Está em jogo não este ou aquele ponto do relacionamento homem - natureza, mas o conjunto todo de relações tais como tem sido desenvolvidas pelo mundo moderno ocidental.

É a visão fundamental que norteia essas relações que está em questão." (440)

Capra

No entanto, "o crescimento tecnológico é considerado tanto a solução final para os nossos problemas, como o fator determinante de nosso estilo de vida, de nossas organizações sociais e de nosso sistema de valores. Ao procurarmos soluções tecnológicas para todos os problemas limitamo-nos usualmente a transferi-los de um ponto para outro no ecossistema

global e, com muita freqüência, os efeitos colaterais da "solução" são mais perniciosos do que o problema original".

Assim, "ao consumo exagerado de energia contrapõe-se a energia nuclear; a falta de visão política é compensada pela fabricação de mais bombas e mísseis, e o envelhecimento do meio ambiente natural é remediado pelo desenvolvimento de tecnologias especiais que, por seu turno, afetam o meio ambiente de forma aínda ignorada". (210)

Garcia

"Surge aqui o drama da orientação tecnocrática do desenvolvimento nos países da América Latina.

Procura-se um desenvolvimento a todo custo, tendo sempre como modelo o caminho percorrido pelos países desenvolvidos. Procura-se um tipo de desenvolvimento e de sociedade que hoje é questionado no próprio mundo desenvolvido. (...) A civilização industrial, nos moldes até agora conhecidos, está se tornando inviável denunciam cientistas, homens públicos e numerosos grupos hu-

manos, dentro do mundo rico.

Ora a tecnocracia que domina a orientação do desenvolvimento no Brasil e na América Latina parece não perceber esta realidade". (458)

A Análise dos Problemas nos Leva a uma Atitude de Crítica e de Denúncia

Ramão

Como vimos, "a leitura dialética (da sociedade) procura ir às raízes das desigualdades e desequilíbrios atuais. Percebe que os conflitos não são fatos isolados (a serem rapidamente remediados) mas são efeitos de um sistema fundado sobre determinadas relações de produção - que não serão resolvidos a partir da correção de seus efeitos secundários". (152)

Capra

"Esses problemas (...) são sistêmicos, o que significa que estão intimamente interligados e são interdependentes. Não podem ser entendidos no âmbito da metodologia fragmentada que é característica de nossa disciplina acadêmica e de nossos organismos governamentais. Tal abordagem não resolverá nenhuma de nossas dificuldades; limitar-se-á a transferi-las de um lugar para outro, na complexa rede de relações sociais e ecológicas. Uma resolução só poderá ser implementada se a estrutura da própria teia for mudada, o que envolverá transformações profundas em nossas instituições sociais, em nossos valores e idéias". (23)

Garcia

"Vista a partir de um mundo periférico, a utilização depredadora da natureza revela o quanto são poderosas as estruturas e os mecanismos de produção - distribuição de bens, montados pelos sis-

temas centrais e atuantes, tanto no âmbito internacional como no nacional e regional. Ora, estes mecanismos e estruturas que predam a natureza são os mesmos que instrumentalizam o ser humano e os povos. Daí a necessidade de, junto com a mudança de mentalidade, enfrentá-los no campo estrutural". (460).

Ramão

"Portanto, esta postura analítica é crítica radical da sociedade, não como polarização emotiva, mas como tentativa de ir às raízes da situação, de descer mais profundamente na análise e detectar a estrutura global do sistema e compreender como ele organiza a sociedade". (52)

Virando a Mesa

Garcia

"Os problemas ecológicos estão interligados, eles oferecem uma sintomatologia que aponta para um mal profundo, situado no próprio homem. Propriamente falando, não é a natureza que está doente, mas o ser humano. Ou melhor, a natureza adoeceu como resultado da grave doença que afeta o homem. Este mal é que deve ser detectado, analisado e enfrentado com todo o rigor.

O que seja esta doença ou mal pode ser apresentado com poucas palavras: o relacionamento entre o homem e a natureza, desenvolvido sobretudo a partir da Revolução Industrial, adoecê de uma grave perversão, fundamento que está sobre premissas falsas. É preciso denunciar a falsidade dessas premissas como um passo indispensável, a fim de que o relacionamento possa mudar substancialmente". (444)

Capra

A evolução de uma sociedade, inclusive a evolução de seu sis-

tema econômico, está intimamente ligada a mudanças no sistema de valores que serve de base a todas as suas manifestações. Os valores que inspiram a vida de uma sociedade determinarão sua visão de mundo, assim como as instituições religiosas, os empreendimentos científicos e a tecnologia, além das ações políticas e econômicas que a caracterizam. (...) A medida que o sistema de valores culturais muda – freqüentemente em resposta a desafios ambientais – surgem novos padrões de evolução cultural". (182)

Garcia

Os problemas ecológicos apontam para a mesma doença que se encontra na raiz do relacionamento desumano desenvolvido nas conquistas, colonizações, neo-colonizações e imperialismos surgidos na Civilização Industrial. (...) É o homem que está doente, o homem ocidental moderno. Por isso o enfrentamento com os desafios ecológicos que certamente deve ser feito em diversas frentes, não pode prescindir da denúncia e da correção dos falsos valores e das falsas idéias desenvolvidas pelo homem da Civilização Industrial. (445)

Ramão

"... a descrição de uma situação, a análise de suas causas, tendências e busca de soluções que se propõe importa à teologia na medida em que contêm problemas humanos e constituem um desafio à evangelização". (57)

Perspectiva que hoje se impõe

Garcia

"... hoje se impõe, na ciência atual, uma visão fortemente unitária do universo: existe uma continuidade e solidariedade desde as partículas atômicas mais elementares presentes na origem da ma-

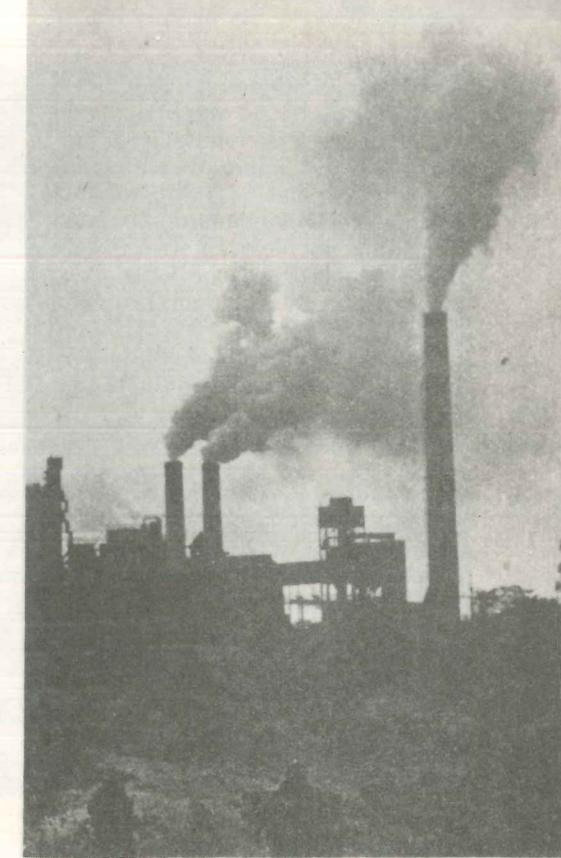
téria até os mais complexos seres vivos, especialmente o homem. Pela corporeidade o homem forma parte do universo material, estando em comunicação não só com os outros seres humanos. A vida do homem, nos diz a ciência, está intimamente relacionada com o meio ambiente. O ser humano constitui um sistema complexo composto de múltiplas interrelações, estreitamente vinculado com um sistema maior que é a sociedade. Por sua vez, os sistemas constituídos pelos indivíduos e pela sociedade formam parte do meio ambiente ou ecossistema englobante, indispensável para a manutenção e desenvolvimento da vida. Se a lei biológica da sobrevivência (indivíduo + meio ambiente, de tal maneira que o organismo que destrói o meio ambiente se auto-destrói) for aplicado ao ser humano o resultado pode ser previsto como catastrófico. Como é um fato que o homem está destruindo o seu meio ambiente, a auto-destruição da espécie humana estaria perigosamente próxima". (468)

Capra

"... uma nova e consistente visão do mundo começa a surgir (...) a visão do mundo que está surgindo a partir da física moderna pode caracterizar-se por palavras como orgânica, holística, ecológica. Pode ser também denominada visão sistemática no sentido da teoria geral dos sistemas. O universo deixa de ser visto como uma máquina, composta de uma infinidade de objetos, para ser descrito como um todo dinâmico, indivisível, cujas partes estão essencialmente interrelacionados e só podem ser entendidas como modelos de um processo cósmico". (72)

Ramão

"A realidade força a ciência teológica a fazer opções" pois "a leitura crítica da realidade conduz



a uma renovada compreensão do Evangelho. E esta re-leitura do Evangelho conduz a uma nova percepção da interpelação do Espírito de Deus. As duas coisas – modo de compreender a realidade e modo de compreender o Evangelho – se implicam profundamente sem se sobrepor e sem substituir-se mutuamente". Por isso, "desde o Concílio Vaticano II a teologia inteira é convidada a partir dos fatos e das indagações recebidas do mundo e da história". (48, 47, 43).

Capra

"A nova visão da realidade é uma visão ecológica no sentido de que vai muito além das preocupações imediatas com a proteção ambiental. Para enfatizar esse significado profundo de ecologia,

filósofos e cientistas começaram a fazer uma distinção entre "ecologia profunda" e "ambientalismo superficial". Enquanto o ambientalismo superficial se preocupa com o controle e administração mais eficientes do meio ambiente natural em benefício do "homem", o movimento da ecologia profunda exigirá mudanças radicais em nossa percepção do papel dos seres humanos no ecossistema planetário. Em suma, requer uma nova base filosófica e religiosa". (402)

Garcia

"... o destino do mundo criado depende do caminho seguido pelo ser humano, para o bem ou para o mal". (168)

Capra

"A ecologia profunda é apoiada pela ciência moderna e, em especial, pela nova abordagem sistêmica, mas tem suas raízes numa percepção da realidade que transcende a estrutura científica e atinge a consciência intuitiva da unicidade de toda a vida, a interdependência de suas manifestações e seus ciclos de mudança e transformação. Quando o conceito do espírito humano é entendido nesse sentido, como modo de consciência pelo qual o indivíduo se sente vinculado ao cosmos como um todo, torna-se claro que a consciência ecológica é verdadeiramente espiritual." (403)

Consequências Dessa Nova Perspectiva

Garcia

"Na tentativa de responder adequadamente aos desafios ecológicos atuais, é mister colocar como algo prioritário a necessidade de instaurar uma relação saudável entre o homem e o meio ambiente. É necessário situar-se, de maneira correta em relação à natureza. É necessário aceitar e assumir concretamente que o homem e a sociedade humana formam parte integrante de um sistema mais amplo e englobante". (446)

Capra

"A estrutura filosófica e espiritual da ecologia profunda não é algo inteiramente novo, mas foi exposta muitas vezes, ao longo da história humana". (403)

Garcia

"E a primeira e fundamental idéia falsa a ser corrigida e superada é a de que o homem está separado da natureza, vista como inimiga a ser conquistada. (...) Do ponto de vista biológico o homem e a espécie humana estão condenados à extinção se persistirem na destruição de seu meio ambiente". (445)

Capra

"O que é novo, talvez, é a ampliação da visão ecológica num sentido planetário, apoiada pela poderosa experiência dos astronautas e expressa em imagens como "nave espacial terra" e "toda a terra", assim como na nova máxima - "Pense globalmente e atue localmente". Essa nova consciência está sendo elaborada especificamente por numerosos indivíduos, grupos e redes". (403)

Garcia

"... se é verdade que a luta por uma sociedade qualitativamente diferente deve estar unida à reformulação radical do relacionamento homem-cosmos, é igualmente verdadeiro que este novo relacionamento prático-teórico requer uma nova sociedade com novos modelos de produção-consumo e com novos valores prioritários. O âmbito estrutural aparece assim tão importante e indispensável quanto a dimensão de conversão do coração e da mentalidade". (462)



Ramão

"... trata-se de atuar sobre as estruturas, não só sobre as pessoas, buscando mudar as relações de força entre os grupos sociais para que nasçam estruturas novas, que comportam maior participação dos excluídos da vida (...)" (83)

Garcia

"Não há como negar que o compromisso por uma sociedade justa e solidária (no interior das relações internacionais também baseadas na justiça e na solidariedade) é algo completamente fundamental e certamente urgente. Mas é mister sublinhar insistentemente que se trata de um compromisso que deve englobar também a vinculação do homem e das sociedades humanas com o meio ambiente. Este último problema não deverá ficar em mãos

apenas de burocratas e tecnocratas". (455)

Capra

"Vivemos hoje num mundo globalmente interligado, no qual os fenômenos biológicos, psicológicos, sociais e ambientais são todos interdependentes. Para descrever esse mundo apropriadamente necessitamos de uma perspectiva ecológica que a visão de mundo cartesiana não nos oferece. Precisamos pois de um novo "paradigma" - uma nova visão da realidade, uma mudança fundamental em nosso pensamento, percepção e valores. A gravidade e a extensão global de nossa crise atual indicam que essa mudança é suscetível de resultar numa transformação de dimensões sem precedentes, num momento decisivo para o planejamento de um todo". (14)

Garcia

"... o compromisso para que seja superado um tipo de sociedade unidimensional e opressora não pode ser separado do esforço tendente à instauração de novas relações entre os homens e o meio ambiente. Uma sociedade manipuladora e opressiva (para além das belas citações, slogans e pronunciamentos) e um relacionamento mecanicista com a natureza se reforçam mutuamente. Impossível vencer um deixando incólume a outra. Sociedade desumana e destruição da natureza aparecem, aos olhos da fé cristã, como duas manifestações de um tronco comum: o afastamento do ser humano, dominado pela vontade de poder, da relação dialógica com Deus criador-salvador". (454)

Capra

"Durante a desintegração de uma civilização (...) novos desafios estão constantemente suscitando novas respostas criativas das minorias recém-recrutadas, que proclamam seu próprio poder criativo mostrando-se progressivamente à altura da situação". (43)

Garcia

"O homem é criatura; tão criatura quanto qualquer outra. É verdade que, como imagem de Deus, é diferente das outras criaturas – é responsável (chamado a responder) da própria vida, das relações inter-humanas e da natureza. É chamado a responder sobre tudo diante de Deus" (452).

Capra

"O drama do desafio-resposta continua sendo representado, mas em novas circunstâncias e com novos atores". (43)

Garcia

"Aceitando a proposta do Criador, o homem torna-se administrador responsável do mundo criado, capaz de perceber o sentido profundo do cosmos e capaz

de responder ao apelo que vem do criador e das criaturas. Aceitar a proposta deste Deus implica na crítica e na superação de políticas, instituições, sistemas e modos de convivência fundamentados no poder opressor e desumanizante. Percebe-se facilmente a carga política tão profunda que esta aceitação comporta." (453, 415)

Capra

"O que temos de fazer para minimizar as agruras e provações da mudança inevitável é reconhecer, o mais claramente possível, as novas condições e transformar nossas vidas e nossas instituições sociais de acordo com elas". (...) "Regressar a uma escala mais humana não significará um retorno ao passado, mas exigirá, pelo contrário, o desenvolvimento de novas e engenhosas formas de tecnologia e organização social". (72, 96)

Pensar Globalmente e agir Localmente

Garcia

"A abertura confiante à vontade do Pai e o serviço solidário aos irmãos foram vividos por Jesus no concreto de sua história, com seus condicionamentos e conflitos, com as tentações e lutas que teve que enfrentar".

"Jesus anunciou a vinda do Reino de Deus e fez sinais de sua presença e da sua atuação no coração do seu momento histórico não isento de ambigüidade. Pois bem, o anúncio e os sinais do Reino, bem como o modo de vida seguido por Jesus em conformidade com sua missão de anunciar e presencializar o Reino, contém uma dimensão política (...) O anúncio do Reino implicou para Jesus a crítica das perversões da convivência humana tal como era

vivida na Palestina, no seu tempo.

Igualmente está presente na pregação de Jesus a respeito do Reino de Deus e apelo para uma convivência fraterna guiada pela gratuidade (resposta do homem ao amor plenamente gratuito de Deus) e não por uma relação de comercialização meramente interesseira." (170, 413).

Ramão

"Jesus Cristo não é indiferente, desligado de nossa história, mas nossa história de fé e nossa história material é questionada e animada pela sua história. (...) O Jesus histórico recoloca de maneira questionadora os nossos próprios problemas. Isto, claro, não de maneira que se possa fazer transferências imediatas e ingênuas, cópias servis, incapazes de servir, como tais e diretamente, de norma para nossa realidade de hoje". (72, 96).

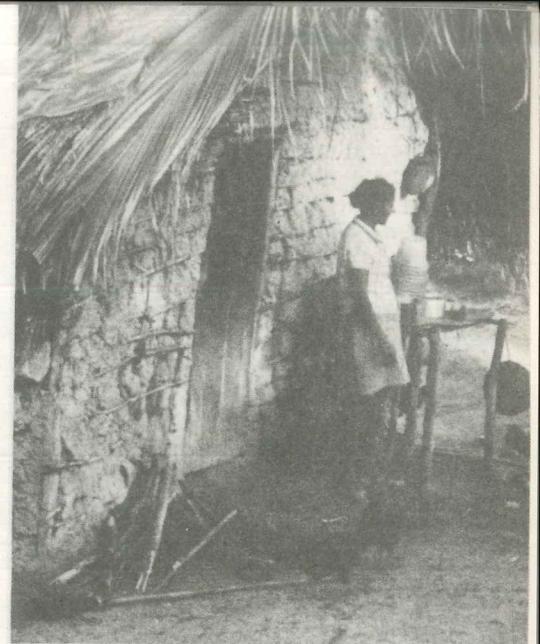
Garcia

"A problemática ecológica afeta também e muito duramente os países da América Latina. Nos esforços desenvolvimentistas que se realizam nos diversos países latino-americanos predomina largamente uma visão tecnocrática da realidade com uma orientação nitidamente mecanicista.

No Brasil como em outros países da América Latina, a visão tecnocrática mecanicista da realidade aliada à mercantilização da terra e à instrumentalização do ser humano colocado que é a serviço das coisas tem resultado na tremenda violência que esmaga e mata de várias maneiras crianças, mulheres e homens do mundo rural, do mundo dos índios e entre os milhões de seres humanos amontoados desumanamente nas periferias das grandes cidades". (470, 471).

Ramão

"O teólogo não está inserido somente na caminhada da Igreja.



Está também acompanhado por uma determinada situação social. O teólogo, no caso, reflete na América Latina. Trata-se de estar na realidade da América Latina e é difícil estar e permanecer na realidade das coisas. E a verdade da América Latina é uma totalidade com múltiplos elementos. Isto exige determinar aquele ou aqueles elementos em que se concentra esta verdade total.

A teologia (...) é elaborada em uma realidade dada. Então, o não falar sobre algo que é problema significa que não é problema para mim e que estou de acordo com os que acham que a fé nada tem a ver com a situação problemática. E, no contexto atual, um não compromisso significaria aceitar a situação e tomar sutilmente partido em favor dos privilegiados". (106, 99, 100, 83).

Capra

"Hoje (...) países do terceiro mundo desafiam a noção convencional de que são "menos desenvolvidos" do que os países industrializados. Seus líderes percebem, com uma clareza cada vez

maior, a crise multifacetada do hemisfério norte e estão resistindo às tentativas do mundo industrializado de exportar seus problemas para o hemisfério sul. Alguns líderes do terceiro mundo estão discutindo com os países do hemisfério sul, procuram desvincular-se e desenvolver suas próprias tecnologias e padrões econômicos nativos. Outros propuseram que se mudasse a noção de "desenvolvimento" passando a designar não mais o desenvolvimento da produção industrial e a distribuição de bens materiais, mas o desenvolvimento dos seres humanos". (408)

Garcia

Essa aceitação de historicidade humana concreta continua a ser necessária hoje, na medida em que a modernidade mantém ainda um forte influxo. Especialmente necessária no Brasil, dado que uma boa parte da população vive imersa numa consciência mágica ou quase mágica em relação ao mundo". (455)

Ramão

"No continente latino-americano, a única cristandade material da história com todas as consequências do colonialismo, o olhar retrospectivo sobre os séculos de vivência cristã não apresenta um saldo evangélico muito animador. A exploração e a miséria ocorreram num continente católico.

Conseguindo-se colocar Deus fora da história concreta, se sua palavra julgadora não se deixar ouvir na própria história, então as estruturas existentes tenderão a sacralizar-se, a apresentar-se como a vontade desse Deus distante que não perturba o desenvolvimento dos projetos dos homens" (81, 82, 150).

O Deus de Jesus Cristo e o seu Reino nos faz recolocar nossa fé no Deus da Vida, e nos leva à denúncia profética dos ídolos, se-

gundo a tradição bíblica mais genuína, que é anti-idolátrica em seu próprio núcleo". (207)

Desafios

Garcia

"Precisamente porque está a serviço da libertação integral do homem a Igreja preocupa-se muito seriamente pela orientação dada ao processo de desenvolvimento bem como com o grave desafio ecológico (...). Está em jogo a reorientação em moldes radicalmente novos do desenvolvimento e da ideologia moderna do progresso. Os espíritos mais lúcidos do Primeiro Mundo percebem isto de maneira clara. Fala-se até na necessidade de "des-desenvolver" o mundo desenvolvido controlando a febre consumista estimulada artificialmente pela necessidade de produzir mais a fim de alcançar maiores dividendos." (470, 458).

Capra

"A divisão entre espírito e matéria (dualismo cartesiano) levou à concepção do universo como um sistema mecânico que consiste em objetos separados, os quais, por sua vez, foram reduzidos a seus componentes materiais fundamentais, cujas propriedades e interações, acredita-se, determinam completamente todos os fenômenos naturais. (...) Tal concepção mecanicista do mundo ainda está na base da maioria de nossas ciências e continua a exercer uma enorme influência em muitos aspectos de nossa vida. Levou a bem conhecida fragmentação em nossas disciplinas acadêmicas e entidades governamentais e serviu como fundamento lógico para o tratamento do meio ambiente natural, como se ele fosse formado de peças separadas a serem exploradas por diferentes grupos de interesse". "Essa tec-



nologia não é holística mas fragmentada, propensa à manipulação e ao controle, e não à cooperação, mais auto-affirmativa que integrativa e mais adequada à administração centralizada do que à aplicação regional por indivíduos e pequenos grupos. Em consequência disso, essa tecnologia tornou-se profundamente anti-ecológica, anti-social, mórbida e desumana". (37, 210)

Ramão

"As ciências sociais nos mostram a complexidade da realidade vivida pelo povo e a partir da qual se quer pensar e construir o Reino de Deus; e revelam também a ambiguidade que a própria religião e a teologia podem desempenhar nessa realidade."

"... segundo Otto Maduro, um dos dados fundamentais de toda religião é proporcionar uma determinada cosmovisão a seus adeptos. (...) Os crentes conhecem o mundo, percebem-no e o pensam através de sua visão religiosa e, segundo isso, atuam. Por isso a

religião desempenha importantes funções sociais". (18, 30).

Garcia

"É mister superar, previamente, a visão unilateralmente espiritualizada, privatizante e extra-mundana de salvação. Quer dizer, é indispensável superar a visão dualista e a-histórica da mesma". (413)

Ramão

"... com toda a força que a Igreja teve na América Latina, como produtora e trasmissoora de valores, que tipo de visão de sociedade ela passou às multidões, em nome da fé?" (33)

Garcia

"O desafio hoje endereçado à teologia pela crise ecológica pode ser assim resumido: é mister que a teologia mostre claramente não só a última relação existente entre o homem e Deus, entre cada ser humano e a comunidade – sociedade humana, mas igualmente a unidade existente entre o homem e a sociedade e todo o cosmos criado". (469)



Ramão

"Ela deve ser trabalhada como serviço ao povo de Deus, em vista da construção do Reino que já se faz presente na história atual na superação do poder do pecado e como experiência do Deus da vida." (18)

Capra

"O excessivo crescimento tecnológico criou um meio ambiente no qual a vida se tornou física e mentalmente doentia: ar poluído, rufos irritantes, congestionamento de trânsito, poluentes químicos, riscos de radiação e muitas outras formas de estresse físico e psicológico passaram a fazer parte da vida cotidiana da maioria das pessoas. Esses múltiplos riscos para a saúde não são apenas subprodutos casuais do progresso tecnológico; são características integrantes de um sistema econômico obsecado com o crescimento e a expansão, e que continua a intensificar sua alta tecnologia numa tentativa de aumentar a produtividade. (...) O que necessitamos pois, é de uma redefinição da natureza da tecnologia, uma mudança de sua direção e uma reavaliação do seu sistema subjacente de valores." (226, 211).

Garcia

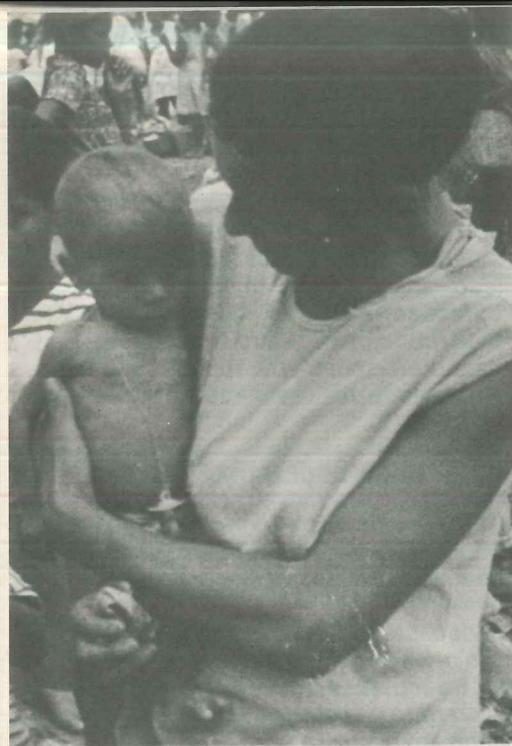
"Se o Reino de Deus for levado a sério, o poder dominador religioso, econômico, sócio-político e cultural deve ser superado e substituído por uma organização de convivência humana guiada pelo amor-serviço, fundado na realidade. O Reino de Deus desmascara as pretensões sacralizadoras e idolátricas do poder dominador. (...) Ora, o amor-serviço não é uma realidade apolítica, pois deve levar em consideração as diversas circunstâncias (também sócio-políticas) em que os seres humanos concretos se encontram".

"Numa situação de desumanização e de injustiça o anúncio do Reino de Deus exige também denúncia e crítica do que desumaniza e deve estar acompanhado de sinais que o presencializam, atuando já no hoje da história. Por isso a crítica da injustiça e da opressão exige o compromisso pela criação de estruturas, sistemas e situações que apontam para a plenitude da realização do Reino". (414)

Palavra de Esperança

Garcia

"... no padrão regular de ascenção, apogeu, declínio e desintegração que parece ser característico da evolução cultural, o declínio ocorre quando uma cultura se tornou excessivamente rígida – em suas tecnologias, idéias e organização social – para enfrentar o desafio das situações em mudança. Essa perda de flexibilidade é acompanhada de uma perda geral de harmonia, levando à eclosão de discórdia e ao caos social. Durante o processo de declínio e desintegração, as instituições sociais dominantes ainda impõem seus pontos de vista obsoletos mas estão se desintegrando gradualmente, enquanto novas minorias criativas, enfrentam novos desafios com engenho e crescente confiança. (...) Enquanto a transformação está ocorrendo a cultura dominante recusa-se a mudar, aferrando-se cada vez mais obstinada e rigidamente às suas idéias obsoletas; as instituições sociais dominantes tampouco cederão seus papéis de protagonistas às novas forças culturais. Mas seu declínio continuará e eles acabarão por desintegrar-se ao mesmo tempo que a cultura nascente continuará ascendendo e assumirá finalmente seu papel de liderança". (409)



A opção

Os cristãos foram chamados a fazer uma "opção pelos pobres". Mesmo os pobres devem fazer sua opção pelos ainda mais pobres, na sua luta contra a pobreza.

Os que não são pobres, têm responsabilidade maior nessa opção, que é uma caminhada de muitos passos.

O primeiro, é crescer em simpatia pelos mais pobres, pelos que vivem na miséria. Desmascarar aquelas falsas idéias dos ricos que dizem:

"Eles são pobres porque são preguiçosos e gastam demais em bebida".

Esquecem que a falta de alimentação adequada, na infância, a falta de escola na adolescência, e o salário indigno na vida adulta são a verdadeira causa da condenação à

miséria, de grandes grupos humanos.

O segundo passo é aproximar-se e conviver com os mais pobres, no lugar em que vivem, para deixar-se sensibilizar pela crueza da miséria, sentir o seu odor e os seus efeitos gravíssimos sobre a vida de todos irmãos criados à imagem e semelhança de Deus.

O terceiro passo é consequência do anterior: essa convivência nos ensina a ver o mundo pelos olhos dos mais pobres. Eles ensinam isso aos menos pobres, remediados ou ricos. Então se descobre que o mundo é muito mais injusto, desigual e cruel do que imaginávamos, antes dessa convivência com os que estão por baixo.

O quarto passo é a decisão de assumir uma vida mais austera, mais simples e contrária à onda de consumismo que a propaganda impõe.

Com essa decisão, ganhamos condições para o quinto passo: dividir o que temos com aqueles que não têm. É o desafio da partilha, que os cristãos celebram na Eucaristia.

E não se trata apenas de partilhar coisas materiais mas, também, nosso tempo e nossos conhecimentos para ajudar outras pessoas a passarem de condições menos humanas para condições mais humanas de vida. Aliás, é esse o projeto de Deus para o homem.

O sexto passo é assumir a causa dos mais pobres, ficar do seu lado em suas lutas, apoiar suas reivindicações, tomar o partido dos mais fracos nos conflitos que surgem.

E fazer isto, mesmo sabendo que o resultado pode atingir os privilégios de classe. É aceitar ser acusado de traição à própria classe social. Envolve participação sócio-política efetiva, comprometida com a humanização do homem e a edificação do Reino de Deus.

Ora, tudo isto é um projeto de vida, que se realiza passo a passo, sem se queimarem etapas.

Mas não há tempo a perder.

Basta a coragem de dar os primeiros passos. □

Tradição & Tradicionalismo

Itamar e Neide Bonfatti

Palavras semelhantes mas de significados tão diferentes. Confundidas pelo linguajar comum e também – seria propositalmente? – em nossos meios de comunicação. Reflítamos tais diferenças. **Tradição** é um processo dinâmico e por isto constantemente se renovando. Leva-nos sempre à revisão de valores para que o essencial dos mesmos seja preservado através dos tempos. Valorando a **tradição** manteremos nosso pensar sempre aberto ao atendimento da realidade mutante onde vivemos. No seu cultivo aprenderemos a necessária mudança da ética dos valores. Atentos a tais revisões poderemos sempre preservar o **antigo** e nos livrar do **velho**! A **tradição** ajuda-nos a superar o passado onde encontramos apenas aquilo que corresponde à nossa experiência. Ela torna os fatos comprehensíveis na medida em que fizermos a correlação das coisas acontecidas com as que acontecem e justamente esta elucidação reciproca de passado-presente lança sobre nós mesmos a visão crítica do que está acontecendo. Mais. A **tradição** ensinanos a leitura do dever e com isto passamos a dar mais valor ao que estamos vendo do que realmente a qualidade dos "óculos" usados em determinado momento, para se ler a história.

Embutidos neste processo estão a **cultura** e a **história** de um povo, vale dizer, seus costumes e

as suas expressões de arte. Também manifestações populares, sejam folclóricas ou religiosas. Brotá da **tradição** – agora estamos no cerne de um povo – a maneira de expressar e ser, assim como o modo seu de relacionar-se com o mundo! Conclui-se com facilidade o por quê a **tradição** vista assim transforma-se em espinha dorsal





de um povo, lógicamente de uma nação. Nesta ótica o cultivo de valores permanentes e a relativização dos valores provisórios torna-se mais fácil e perceptível a diferença entre a essência e a fugaça roupagem cultural. O essencial não se perde nesta mixagem de valores recebidos das gerações precedentes com os fatos que acontecem no agora. Além do mais confere tranquilidade a quem se dispõe a dar profetismo às formas adultas de questionamento. Mais fácil de entender mirando os acontecimentos assim e por quê tantas investidas contra as suas tradições. Bem diferente o tradicionalismo que é imóvel e resistente ao futuro.

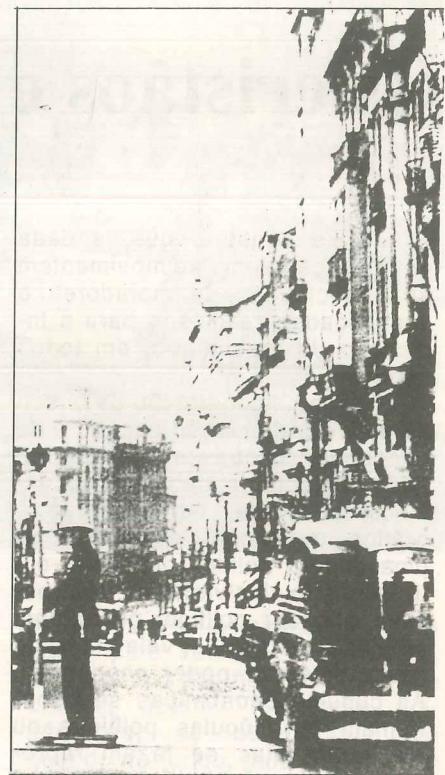
Fixa-se rapidamente – e não poucas vezes de maneira eficaz! – na preservação de normas de

comportamento não permitindo que as pessoas vejam que elas são apenas roupagens culturais transitórias. Críticas a costumes e às regras morais são recebidas com intolerância e geralmente com violência nas suas várias formas! Daí por quê mantém insistente – não poucas vezes a qualquer custo! – o superficial, o acidental. Congela e faz parar o tempo e valores tornando as coisas simplesmente... modernosas. Agarra-se ao momento sem se preocupar em revê-lo à luz da realidade que se avizinha ou que já está acontecendo.

É comum assim proceder para não perder o poder e privilégios.

O tradicionalismo é pesadão, legalista e preocupado em permanecer parado no frio da letra. Desdenha sempre o espírito do que está escrito. Do mesmo modo que a tradição está ligada às formas sadias e dinâmicas do antigo o tradicionalismo está sempre mediocrizado com o... velho! Não é de se admirar – citando apenas um exemplo muito simples – que a santa e pecadora Igreja dos Homens coloca muitas vezes a força e o peso do institucionalizado acima ou mesmo antes do Espírito que age dentro dela. Também não é motivo de espanto o fato do tradicionalismo ser campo fértil a todas as formas de dominação como também se prestar como espaço acrítico ao descompromisso com o nada-rever e ao nada-criar. Afinal procedendo diferente provocarei a sua própria desestabilização! Bom estar atento para as agressões que a família vem sofrendo. Enquanto instituição necessária à preservação da tradição ela tem sido presa fácil do tradicionalismo. Sempre louvada e bajulada pelo Poder corre o risco constante de ser espaço privilegiado para realimentar preconceitos de classe, campo vital para endossar as contradições

sociais, a avidez de lucro e defender privilégios conferidos pela opressão que a cerca. Explica-se embora não justificando o por quê o grupo familiar acaba cedendo às propostas ilusórias do tradicionalismo que não raras vezes tem como aliados fervorosos os meios de comunicação e na outra parte os interesses econômicos. Neste momento a família é transformada de forma cabal em... "parque nacional da ingenuidade"! Deverá ser constante o esforço da família para se manter como uma das principais fontes de tradição porque dentro dela geram-se revisões da realidade e são feitas elaborações para a interação saudável das pessoas. Justo no seu espaço acontece de forma especial o crescimento afetivo sem falar a riqueza que possui para desenvolver a consciência crítica dos seus membros. Assim como fazer crescer os gestos religiosos e a Fé com as suas dimensões de Amor e Justiça. Dentro do grupo familiar as cabeças têm chances de abrirem-se ao mundo, à História e por extensão ao profetismo. Combater também as suas próprias heresias geradas pela tentação do fechamento quando agredida tais como o familialismo, o intimismo e o conjugalismo. No cultivo da tradição a família evitará o "envelhecimento" dos seus membros e poderá enfrentar o aparente conforto da alienação que a todos deseja devorar. É na grandeza da tradição que a Família Cristã recupera as suas forças para refletir constantemente à luz das novas realidades sempre constantes o Sacramento do Matrimônio enquanto canal de comunicação entre ela e Deus. A tradição sendo dinâmica – e daí por que o sacramento do matrimônio é dinâmico! – ficará sempre aberta e iluminada pela dimensão libertadora do Espírito Santo de Deus que leva o Homem



a examinar e reter tudo que é bom com vistas a evitar o mal. (Cf. 1 Tes. 5,21). Na beleza da tradição a família cultivará o que de mais belo possui: o profetismo do amor, da relação saudável e do comprometimento que nos arremete ao vínculo inseparável da Fé com a Vida.

Nesta perspectiva de profetismo a família assume o seu papel de evangelizadora constante e privilegiada para agir exaltando todos os momentos e lugares onde o Reino de Deus está sendo anunciado e vivido, seja derrubando os poderosos dos seus gabinetes para privilegiar os humildes ou mesmo trabalhando e lutando para que os pobres tenham fartura. Assim ela cumprirá as promessas que estão sendo repassadas pela tradição (Cf. Lc. 1,52-54). □

Os cristãos e a política

Frei Cristóvão Pereira

Já se constata que, a cada nova eleição, mais se movimentam as associações de moradores e comunidades religiosas para a indicação de candidatos, em todos os níveis.

É uma demonstração de busca de maior participação popular e de conquista do que se poderia intitular democracia substantiva, democracia direta, em oposição à prática tradicional e secular de uma cultura política classista, elitizante e exclusivista, na qual política e poder político, constituem privilégio de poucos, vale dizer, de quem detém o poder econômico. As cúpulas econômicas se transformam em cúpulas políticas ou por quem elas se fazem representar.

Diante desta realidade, frente a este desafio o que se exige dos cristãos?

Como fazer esta ligação estreita e direta entre Fé (ser cristão) e Vida (os acontecimentos da caminhada?).

A observação inicial que se poderia adiantar é que não cabe à Igreja como instituição indicar candidatos, propor programas de governo, muito menos consagrar este ou aquele partido. O que não lhe tira o direito de alertar os fiéis para não votarem em partidos contrários aos interesses populares.

Por exemplo, um partido que é contrário à reforma agrária, defende a pena de morte, a modernização da econômica do país às custas do desemprego, da fome do povo e da classe trabalhadora.

Uma segunda observação poderia ser a seguinte: como os

cristãos devem enfrentar o assunto político dentro da Igreja?

A prudência pastoral nos ensina que nem sempre é conveniente falar de política explicitamente quando nem todos da comunidade estão preparados para entender a ligação que existe entre a mensagem evangélica e a situação política. Deve-se respeitar as limitações da consciência alheia, evitando provocar choques ou escândalos.

Doutro lado fica o desafio de como transformar a comunidade eclesial numa verdadeira escola da formação política?

Qual é o pano de fundo? A inspiração básica de nossa caminhada, de nossas celebrações litúrgicas, de nossas pastorais? Tudo isso concorre para conscientizar, mobilizar e organizar o povo cristão e levá-lo a se comprometer consciente e lucidamente no fortalecimento da Sociedade Civil, dos movimentos Populares, da luta sindical e parlamentar, em favor da Vida, em defesa da dignidade da pessoa humana, dos Direitos Humanos, da natureza, de um projeto diferente de Sociedade mais próximo e conforme ao Projeto Evangélico?

Por último fica a pergunta: todos os cristãos devem atuar num partido político?

Os ensinamentos da Igreja, a orientação do papa e dos bispos é que cabe, especificamente aos leigos, o dever de participar das atividades políticas. Eles são instrumento de construção da Sociedade e, portanto, de participação na obra do Reino.



Porém, há maneiras diferentes de participação na política. Uns participam pelo voto (que para o cristão deve ser profético, libertador, uma "boa-nova", em termos de mudança, inovação e transformação social); outros filiam-se a um partido; outros ainda assumem funções dentro do partido ou cargos eletivos. São formas de participação, portanto, formas de se fazer política. Mas, deve-se observar que política se faz também nos movimentos populares (Clube de Mães, Associações de moradores, Consciência Negra, Emancipação da Mulher, defesa dos Direitos Humanos, movimento Ecológico, conscientização das pessoas, etc), nos Sindicatos.

Finalizando, seria bom e necessário, para os cristãos, atentarem para o seguinte: estes partidos, estes movimentos populares, estes sindicatos servem para quê? Estão a serviço de que e de quem? Pois numa Sociedade de Classe como a nossa uns são conservadores: querem manter a situação porque, certamente, ela

para eles é boa, favorável; outros lutam para reformar a situação, torná-la a mais humana e democrática, querem mudanças epidérmicas, de superfície, isso quando no fundo, para que a realidade possa ser humana e cristã se estão exigindo mudanças radicais, de raiz (o negócio não é colocar pomada no tumor e sim arrancá-lo, fazer uma cirurgia total); finalmente, há os que querem transformar a situação; mudar as estruturas, implantar uma Sociedade diferente. Querem extirpar o tumor, fazer a operação.

O cristão, fiel ao Deus de Jesus Cristo, que é o Deus da vida, da Libertação, o Deus do Êxodo, que faz a opção pelos empobrecidos da história, deve em razão de seu batismo, de sua fé e de sua pertença à Igreja, ao novo Povo de Deus, se comprometer com Partidos, Sindicatos e Movimentos comprometidos com as causas populares, com um outro tipo de sociedade mais humana, justa e solidária, como expressão histórica do Projeto de Deus que Jesus chamou de Reino de Deus. □

O pecado ainda existe?

O pecado de idolatria está no coração do imperialismo do dinheiro. Ao escolher servir aos ídolos da morte em lugar do Deus da Vida, se usa o cristianismo como uma arma contra o povo. A idolatria arrasta os cristãos para outros pecados: a heresia e apostasia, a hipocrisia e a blasfêmia.

Idolatria

A idolatria é o pecado de adorar ou servir a algo ou a alguém que não é Deus, tratando uma criatura como se fosse um deus. "Adoraram e serviram à criatura no lugar do Criador" (Rm 1,25). E no Antigo Testamento, Moisés e os profetas condenaram o culto ao bezerro de ouro, a Baal e a outros ídolos feitos por mãos humanas (Ex 20,4-5; Sl 115,4). No novo Testamento a forma principal de idolatria era o culto ao dinheiro (Mt 6,24; Lc 16,13).

Isto mesmo acontece também hoje. Em nossos países o culto ao dinheiro, ao poder, ao privilégio e ao prazer têm substituído o culto a Deus. Esta forma de idolatria tem sido organizada num sistema em que o materialismo consumista tem sido enronizado como um deus. A idolatria torna as coisas, especialmente o dinheiro e a propriedade, mais importantes do que o povo. É o **antipovo**.

Por ser o ídolo antipovo, exige uma submissão absoluta e uma

obediência cega. Os ídolos de que nos fala a Bíblia transformam seus seguidores em escravos, prisioneiros ou robôs, tirando-lhes a liberdade. A submissão e o serviço ao dinheiro desumaniza as pessoas. Busca-se o benefício mesmo à custa da pessoa.

A idolatria é a negação de toda esperança no futuro. No passado os que adoraram os ídolos foram aqueles que tiveram medo da mudança, aqueles que queriam que as coisas permanecessem iguais, aqueles que não queriam um futuro que fosse diferente, aqueles que encontraram a sua segurança na situação. Hoje em dia acontece a mesma coisa. Os que se beneficiam da situação vivem num pânico total em face de qualquer transformação real. Estão a serviço da situação e farão tudo o que for preciso para assegurá-la.

Os povos da antiguidade recorreram aos baais e a outros ídolos por motivos de segurança. Hoje em dia, nossos opressores recorrem ao dinheiro, ao poder militar e às chamadas forças de segurança. Entretanto, sua segurança é a nossa insegurança. Experimentamos sua segurança como intimidação, repressão, terror, violação e assassinato. Aqueles que recorrem aos ídolos por segurança exigem nossa insegurança como preço que é preciso pagar. Temem-nos como uma ameaça à sua segurança.

A idolatria exige vítimas ou bodes expiatórios. Os idólatras acham que é preciso culpar alguém por tudo o que dá errado numa sociedade de modo que ex-



pulsando ou matando a vítima expiatória possam sentir-se purificados ou aliviados de sua culpa. Esta é uma forma idolátrica de tratar a culpa e obter a expiação. Com frequência são sacrificadas pessoas totalmente inocentes como vítimas expiatórias, ainda que possa ocorrer algumas vezes que a vítima expiatória não seja totalmente inocente, como a mulher encontrada em adultério (Jo 8,2-11).

Em nossos países os adoradores do dinheiro usam como vítima expiatória o comunismo ou o

socialismo de qualquer espécie ou por qualquer suposta inclinação neste sentido. A culpa que sentem e os pecados que cometem são projetados nesta cômoda vítima expiatória que podem culpar de todo o mal que aconteceu ou possa acontecer no futuro.

Desta forma se justifica perfeitamente a perseguição contra a Igreja. Alguns crentes, grupos progressistas ou, em alguns lugares, dirigentes eclesiásicos são rotulados de comunistas para separá-los do resto dos cristãos e transformá-los em vítimas expiató-

Extraído de estudo elaborado por Kairós Internacional, grupo de entidades cristãs engajadas em movimento pela paz, liberação e desenvolvimento dos povos do Terceiro Mundo.

rias para que sejam desacreditadas, odiadas, denunciadas, silenciadas ou até eliminadas.

Os ídolos exigem sacrifícios humanos. É isto o que mais enche de indignação os profetas no culto a Baal. Jeremias condenou a crença supersticiosa que afirmava poder-se aplacar aos deuses somente com sacrifícios de crianças (Jr 19,4-5). Também hoje, é esta a dimensão mais maligna do pecado de idolatria em nossos países. Jovens e idosos, inocentes e indefesos, são sacrificados para aplacar o ídolo, o Estado de segurança nacional e o capitalismo internacional.

Vivemos com a realidade diária do sacrifício humano: crianças que morrem de fome, mortes de presos, assassinatos, massacres e desaparecimentos. Matar pessoas se transformou numa espécie de ritual religioso, uma parte necessária da "guerra total" contra o povo.

A idolatria é fanática. Anima e favorece o comportamento irracional e desenfreado. Constatamos isso nos massacres do povo perpetrados por soldados, polícia e esquadrões da morte, "contra-revolucionários" e vigilantes. Também vemos no ódio tresloucado contra aqueles que tentam resistir e na perseguição frenética contra pessoas de Igreja que protestam. É impossível alguém ser racional quando se submete aos ídolos do dinheiro, do poder, do privilégio e do prazer. Os ídolos criam um sentimento de avidez de sangue que nem o próprio sistema pode controlar.

A idolatria é uma mentira e só pode perpetuar-se enganando mais e mais as pessoas. A mentira fundamental é considerar a realidade material como mais importante que o povo. Criar vítimas expiatórias é mentir. Apresentar toda forma de mudança real como

comunista, e por conseguinte atéia, é mentir.

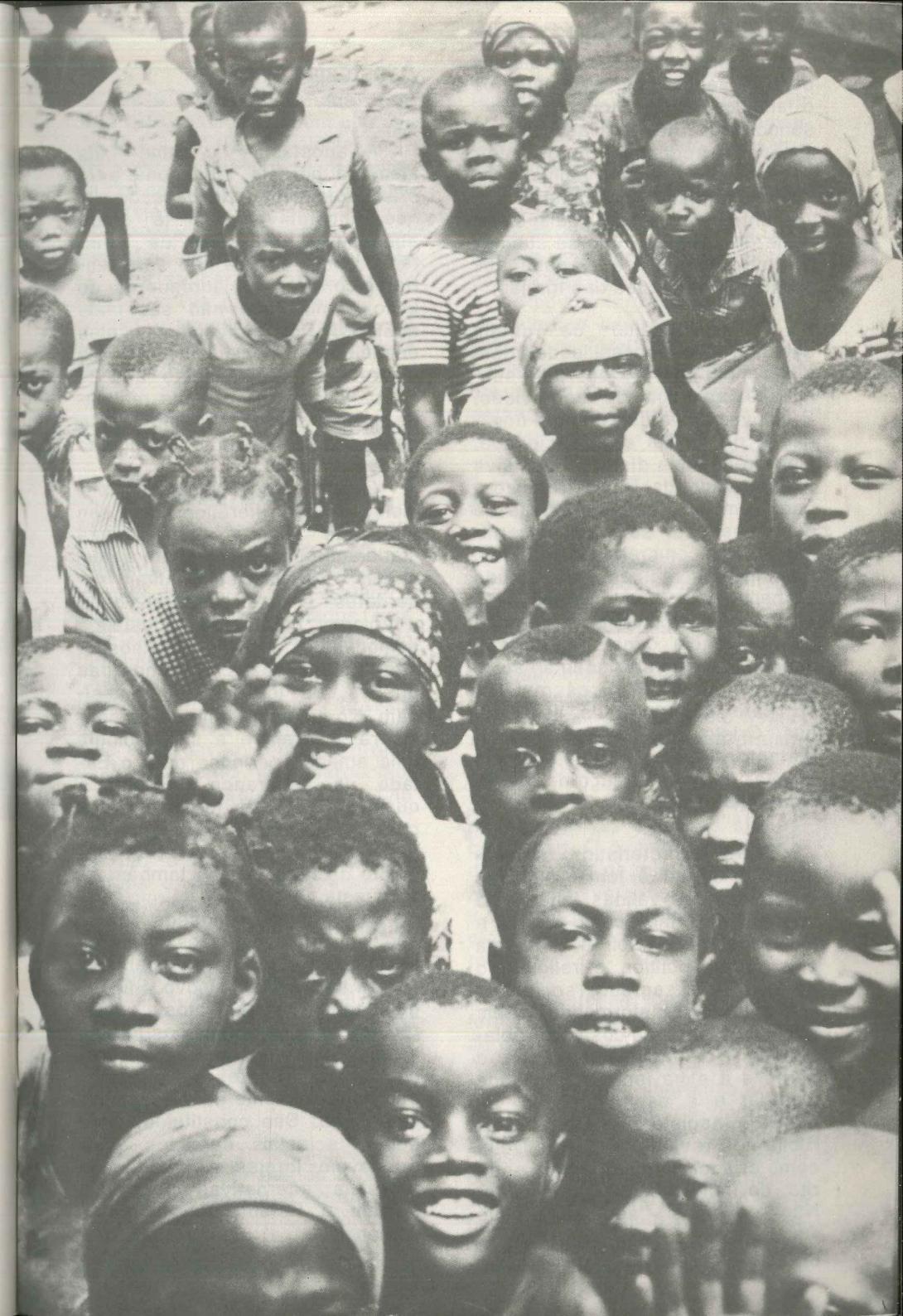
A propaganda da idolatria é uma série de mentiras. Apresenta a ordem existente como sendo a ordem natural das coisas e toda mudança radical como o caos. Coopera as palavras que o povo usa para descrever suas aspirações como "paz", "democracia" e "liberdade", mas dando-lhes um sentido diferente. "Paz", por exemplo, passa a significar manutenção do *status quo*. O termo "democracia" é usado para designar as eleições nacionais manipuladas, as eleições do apartheid para governos como na África do Sul ou os mecanismos que asseguram que a maioria do povo não tenha acesso ao poder real. "Liberdade" passa a significar conceder aos ricos e poderosos a oportunidade de explorar e manipular os outros. A idolatria encobre a verdade e cria toda uma cultura de mentiras. Satanás, como diz Jesus, é o pai da mentira (Jo 8,44).

Heresia

A palavra heresia significa eleição. A heresia é um modo de crer de quem escolhe umas partes da mensagem cristã e rejeita outras partes, de forma tal que acaba distorcendo a doutrina.

Foi declarada herética a justificação teológica do apartheid na África do Sul. A maioria dos cristãos de hoje a reconhece como uma distorção da revelação divina. Gostaríamos de divulgar mais amplamente a famosa declaração: nós denunciamos como heréticas todas as formas de cristianismo de direita.

Uma das características desta nova heresia é negar a liberdade



cristã insistindo numa obediência cega à autoridade. Manipula-se o famoso texto de Romanos 13 visando pedir uma lealdade inquestionável e acrítica às autoridades políticas que praticam políticas de morte e engano. De maneira semelhante, em alguns países se exige dos cristãos que se submetam cegamente à autoridade absoluta dos dirigentes das Igrejas.

O cristianismo de direita substitui a responsabilidade cristã e a confiança em Deus pela submissão ao jugo da escravidão. Promove o autoritarismo e a dominação na família e na sociedade. Com freqüência distorce inclusive a autoridade da Bíblia tratando-a como um livro celestial a que se deve obedecer sem um discernimento ou compreensão críticos. Em algumas regiões essa atitude é chamada de "fundamentalismo". A intenção de buscar segurança na obediência cega, em certeza absoluta cu na submissão ao autoritarismo não é fé. É escravidão. "É para gozarmos da liberdade que Cristo nos libertou. Ficai, portanto, firmes e não vos deixeis sujeitar de novo ao jugo da escravidão" (Gl 5,1).

Outra característica da religião de direita é tomar algumas das distinções válidas feitas pelo cristianismo, tais como corpo e alma, matéria e espírito, esta vida e a outra, política e religião, o profano e o sagrado, sociedade e indivíduo, transformando-as em dualismos antagônicos. Cria polarização e antagonismos entre o corpo e a alma, entre a realidade material e a espiritual. Isto vai contra o magistério cristão, pois a Bíblia nos revela um mesmo Deus como criador da matéria e do espírito, do indivíduo e da sociedade. Não devemos "separar o que Deus uniu".

68

Apostasia

A apostasia vai muito mais além da heresia. Abandona a fé cristã totalmente. No passado, os que apostatavam da fé cristã abandonavam o nome de "cristãos". Hoje em dia não seria estratégico para os adoradores do ídolo admitir que não são mais cristãos. Por conveniência eles continuam a chamar-se cristãos e a professar formalmente sua fé cristã, apesar de que, na realidade, já não creiam mais em nada e muito menos vivam o Evangelho de Jesus Cristo.

Que eles não sejam simplesmente cristãos heréticos mas sim apóstatas aparece com clareza meridiana quando começam a perseguir a Igreja. Desacreditam sacerdotes e pastores, religiosos e teólogos, autoridades eclesiás e comunidades cristãs; os hostilizam, muitas vezes põem-nos nas prisões, os torturam e assassinam. No momento em que se considera a Igreja e a sua teologia uma ameaça perigosa para o Estado de segurança nacional e quando se faz da Igreja um alvo para a estratégia da segurança nacional, então não se trata somente de heresia mas também de apostasia.

Em alguns de nossos países são enviados capelões militares às escolas a fim de explicarem a guerra total contra o povo. São organizados acampamentos e conferências para os jovens das Igrejas e para os professores de escolas dominicais. Militares são preparados especialmente para assumir a catequese. São constituídos conselhos eclesiás paralelos e se promovem Igrejas e autoridades eclesiás alternativas para que apóiem o Estado de segurança nacional.

Essa perseguição dos cristãos traz consigo também ataques maldosos contra a teologia da libertação. Promovem-se as seitas de direita visando destruir e dividir as Igrejas que se colocam do lado dos pobres. Tudo faz parte de uma estratégia imperialista que nem se preocupa sequer de manter-se em segredo. Tal coisa aparece expressa claramente em relação à América Latina nos documentos de Santa Fé I e II.

Hipocrisia

Jesus condenou energicamente a hipocrisia dos escribas e fariseus. Nem sempre praticavam o que pregavam. Nem eram na realidade aquilo que aparentavam ser em público. Eram sepulcros caiados, mais preocupados com sua popularidade e reputação do que pela verdade. Eram covardes e não denunciavam os verdadeiros males de sua sociedade. Filtravam o mosquito mas engoliam o cão, e enxergavam o cisco no olho alheio enquanto não percebiam a trave em seu próprio olho (Mt 23,24; 7,5).

Não é verdade que muitos cristãos e chefes de Igrejas em nossos países são como estes escribas e fariseus? São muito previdosos e "prudentes" e não se atrevem a perturbar a situação constituida. Assim, ou fazem parte do bloco dos ricos e poderosos, ou os temem. Inclusive diante de casos evidentes de injustiça não a denunciam nem fazem nada para resolvê-la.

Há também aqueles que pretendem não tomar partido e falam de manter o equilíbrio, no entanto traem a sua parcialidade sobretudo quando criticam aqueles que questionam a situação. Falam de

reconciliação e paciência porém ao fazê-lo se dirigem fundamentalmente às vítimas do sistema e aos empobrecidos. Promovem reformas como uma "terceira via" mas restringem a participação popular às formas tradicionais. Professam um compromisso com a democracia porém não querem que o povo exerça um poder efetivo. Alertam contra os perigos de politizar a Igreja apesar de freqüentemente comprometê-la aliando-se e negociando com os que estão no poder.

Blasfêmia

A idolatria é um pecado contra o primeiro mandamento. De todos os pecados relacionados com ele nenhum é mais escandaloso do que o pecado contra o segundo mandamento: a blasfêmia. "Não pronunciarás o nome do Senhor teu Deus em vão, porque o Senhor não deixará impune quem pronunciar seu nome em vão" (Ex 20,7).

No culto dos ídolos, determinadas pessoas e coisas são sacralizadas. O dinheiro e a propriedade e, mais do que tudo, a segurança, são sagrados. Os governos e as autoridades militares são como os sacerdotes de uma pseudo-religião.

A blasfêmia toma também a forma de "satanização" ao atribuir ao diabo a obra do Espírito Santo. A satanização recusa a ver o Deus da Vida na libertação do povo. Vê o trabalho de libertação como sendo obra de Satanás e acusa o povo de estar possuído por maus espíritos. No seu tempo Jesus foi acusado de estar sob o poder de Belzebu precisamente quando libertava as pessoas dos maus espíritos e as curava. □

O lado fraco da corda

Mauro Santayana

Há um conhecido poema de autor anônimo espanhol do século XVI, sobre Cristo em seus últimos momentos na Cruz. O poema diz simplesmente que não é por ser filho de Deus, não é por ser poderoso, que o poeta o ama, mas por ser alguém, naquele instante, tão despojado de poder, tão indefeso e tão débil, que chega a indagar do Pai por que está abandonado.

Podemos ter, com Tiradentes, quase o mesmo sentimento, sem o perigo de cair em heresias. Ele deve ter sofrido menos com a repressão, do que com a traição e com o amolecimento de caráter de seus companheiros de conspiração. Todos eles, ou quase todos eles, tentaram esgueirar-se no labirinto dos depoimentos da Devassa, a fim de escapar da justiça reinol. Ele, depois de seu dever natural de negar, não só os seus atos particulares, mas toda a conspiração, e de saber que todos os depoimentos construíram a sua responsabilidade, assumiu plenamente o movimento.

Quem examina os Autos da Devassa verifica que os acusados (salvo alguns, como José Alvares Maciel) e as autoridades encaminhavam todo o processo para um grande culpado, e esse grande culpado era o menos qualificado socialmente entre todos eles. A frase que se atribui a Tiradentes, de que a corda sempre arrebenta pelo lado mais fraco, mostra que ele entendera a segunda conspiração dentro da Inconfidência: a de depositarem sobre os seus ombros toda a culpa — e, com is-

so, toda a glória.

Não era para menos. **Vende-se a mãe, mas não se vende a classe**, dizia um político mineiro que, aliás, morreu também em um 21 de abril, e quando se vende a classe, é porque já se vendeu a mãe há muito tempo. O Alferes teve que suportar, sozinho, toda a carga contra a classe que representava e à qual os inconfidentes ofereciam, além de certa liberdade, o direito de usar **galões, cetins e seda**, conforme os depoimentos de Domingos Abreu Vieira e outros conjurados.

Um a um, os grandes e pequenos conspiradores tentavam construir a teoria de que o movimento não passava de conversas sem consequência prática, enquanto os inquisidores se agaravam a denúncias mais fortes, como as que falavam em pólvora, armas e homens. É interessante notar que, apesar de o Ouvidor Maniti, em seu resumo inicial da Devassa, colocar Gonzaga entre os primeiros conjurados, ou **confederados** segundo a linguagem do processo, houve a tentativa de uma revisão histórica para o considerar inocente. Aliás, quase todos eles mantiveram a alegação de inocência até o final da vida.

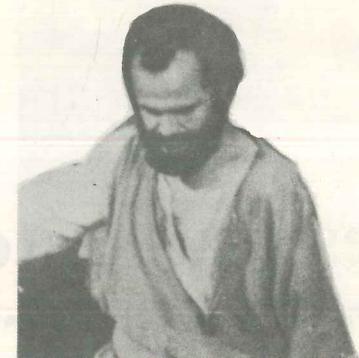
É interessante perceber que, depois de Tiradentes, tenha sido o Padre Rolim o mais envolvido. O sacerdote, pai de três ou quatro filhos, segundo constava, era homem de cultura e de ação e emprestava seus livros ao Alferes. Tentou fugir, homiziou-se no interior das Minas, talvez pensando

em guardar-se para ocasião melhor. A fidelidade de seus escravos e a solidariedade de um velho indigente e quase cego, dono da intrigante alcunha de **Conversa**, que lhe levava comida quando se escondia em pleno mato, mostram como ele se mantinha próximo do povo. Tratava-se de um sacerdote culto — e de costumes bem liberais, como, de resto, era comum naqueles tempos.

De qualquer forma, contra Tiradentes se reuniam todos os depoimentos e todas as **provas**. Embora só houvesse a intenção de expulsarem o Visconde de Baracena da Capitania, uma vez vitorioso o movimento, insistiu-se em que Tiradentes iria cortar-lhe a cabeça em pleno jantar, a fim de levá-la ao centro de Vila Rica, onde seria despejada no solo, como símbolo do fim da opressão portuguesa. Com isso pretendiam mostrá-lo como homem cruel, sem piedade para com os vencidos, sanguinário.

Para a Coroa foi conveniente a sua presença entre os conjurados. Não havia muitos remorsos em mandar enforçar e esquartejar um homem despojado de títulos de saber e de nobreza. Não estudara na Europa, não tinha grau em leis ou outra disciplina universitária, nem era oficial superior das tropas de Sua Majestade. Seus bens eram escassos, e muito escassos quando comparados aos dos outros inconfidentes, como se vê nos documentos oficiais.

Ao mandar que o enforcassem e o esquartejassem, a Coroa manifestava a sua severidade admoestadora, mas não se sentia constrangida. Em seu entender, expiava-se, em pequeno e miserável traidor, o crime que se pretendia, e se impunha o medo a todos os **mazombos** pobres da Capitania. Não fossem na conversa dos intelectuais e ricos, proque estes



se safavam, enquanto os pobres eram retalhados como bichos. Para os pobres não faltariam a corda e o sabre.

A Inconfidência e a repressão que se seguiram encerraram o grandioso período da Capitania. As atividades mineradoras, que já vinham em declínio, esmoreceram de vez. Iniciou-se uma diáspora, rumo ao desconhecido. Oeste, despovoando-se as cidades de ouro e os seus esplêndidos arraiais.

Mas a grande consequência, entre 1790 e 1810, foi o povoamento dos sertões além de São Francisco por mineiros que abandonavam os veios para instalar fazendas de criação de gado, dos sertões do Araxá à fértil mesopotâmia entre os rios Paraná e Paraguai.

A Inconfidência não foi, como queriam Antonio Torres e outros, um movimento menor. Até mesmo em sua derrota conseguiu prestar um serviço ao Brasil, empurrando o sentimento de pátria, que se havia reunido em Vila Rica, ao longínquo Oeste, e, com ela, a afirmação nacional sobre aqueles confins.

Síntese de artigo do autor publicado no Jornal do Brasil.

Deslizamento de terra provoca mortes em Salvador

Jornal do Brasil

Onze pessoas morreram e duas ficaram feridas com o deslizamento de pelo menos 15 toneladas de terra da encosta de um morro no bairro Lobato, na periferia de Salvador. O deslizamento ocorreu às 7h, soterrou seis casas e destruiu parcialmente oito. No acidente, duas famílias inteiras morreram.

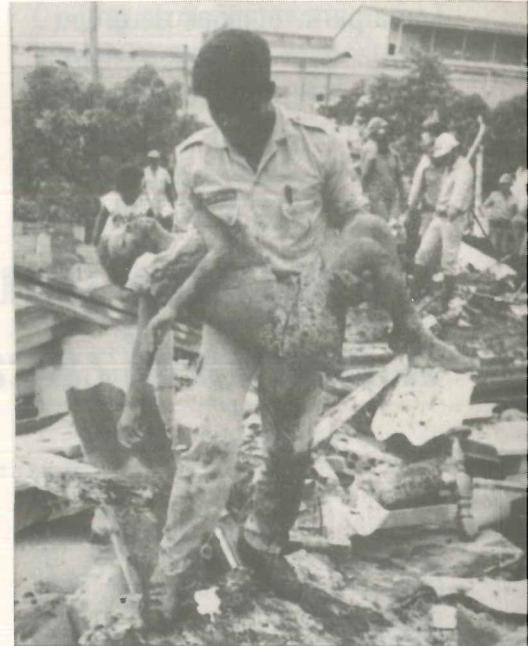
Durante todo o dia, 100 homens da Policia Militar e do Corpo de Bombeiros trabalharam para resgatar os corpos e, no fim da tarde, somente o menino Ismael Souza Santos, ainda estava soterrado. Durante o dia ocorreram mais três deslizamentos de terra e as casas do alto da encosta, segundo policiais, não resistirão por muito tempo. A área foi interditada e as casas próximas à encosta evadidas.

Enchentes e deslizamentos de terras matam, todos os anos, milhares de pessoas, geralmente das classes mais pobres.

As famílias mais atingidas por essas tragédias são as que se amontoam, para sobreviver, em perigosas favelas, nas encostas dos morros. Ou em baixadas sujeitas a inundações. Vivem sob a ameaça permanente de destruição e morte.

Só Edmar se salvou

"Foi Deus quem me salvou", reagiu o motorista Edmar Souza Santos, 23 anos, ao retornar a sua casa e ver tudo sob escombros. Da tragédia do Lobato ele se salvou "por milagre" ao atender um pedido de sua mãe para ir à igreja. Edmar saiu antes das 6h e quando voltou encontrou toda a sua família soterrada. Ele perdeu a mulher, a filha, o irmão, a cunhada e dois sobrinhos. Em estado de choque, o motorista disse que agora não sabe o que vai fazer da vida. "Perdi tudo o que valia a pena para me manter vivo, como vou continuar se não tenho mais aqueles que eu tanto amei", disse chorando. Na calçada da rua Quatro de Dezembro, onde morava Edmar, foram colocados os corpos de seus parentes, soterrados pelo deslizamento. Cobertos com panos sujos, ali estavam o corpo da cunhada Marlene Santos, 20 anos, que morreu abraçada com a filha Lívia, de três meses, e o marido Ednei Santos, 20 anos, irmão de Edmar. Os três foram soterrados pelo deslizamento quando dormiam. Poucas pessoas que moravam nas casas próximas à encosta conseguiram se salvar. Maria Lurdes Silva e sua filha Rossângela ouviram o barulho do deslizamento e saíram correndo de dentro de suas casas. A terra, entretanto, descia rápido e Maria de Lurdes ficou enterrada até a cintura. "Rezei muito nestes segundos e acho que foi isso que me salvou", contou. Menos sorte teve Carmosina Rodrigues, que saiu antes das 7h para comprar pão e quando voltou encontrou sua casa soterrada com seus filhos Francisco Bonfim Araújo, 23 anos, Davi, 13 anos, Danilo, 5 anos e Débora, de 12, mortos.



Depois de bater em portas fechadas, moradores morrem soterrados

Para refletir sobre este acontecimento

1. Há culpa nesses acontecimentos ou é fatalidade?

• Houve cristãos denunciando essas mortes?

• Você costuma denunciar essa injustiça?

2. Como você reagiria, se fosse atingido pela tragédia, no lugar de Edmar?

• Pela perda da família.

• Pela injustiça de ter que viver perigosamente.

3. Que lhe parece a fé dessas pessoas?

• "Foi Deus que me salvou",

• "Rezei, e isso me salvou".

Caminho para a humanização

Hélio e Selma Amorim

O ser humano foi criado para ser imagem e semelhança de Deus. Esse é o projeto de Deus: plena humanização do homem e da mulher.

Na medida em que o ser humano vai conquistando essa imagem e semelhança, torna-se pessoa humana e se humaniza.

Para que essa busca da imagem e semelhança seja uma possibilidade real, o homem e a mulher recebem como que um sopro divino que se manifesta em impulsos para a humanização. Esses impulsos não são determinantes, como os instintos, nos animais. Eles estão sujeitos à liberdade humana. O ser humano pode orientar a sua vida na direção da humanização apontada por seus impulsos, ainda que por trajetos tortuosos, com avanços, recuos, tropeços e correções de órbita. Ou pode desviar-se livremente desse caminho, desumanizando-se.

Por outro lado, homens e mulheres estão fortemente sujeitos a pressões e condicionamentos externos que ou sufocam ou exacerbam aqueles impulsos humanizadores, suprimindo-os ou desfigurando-os.

Se não forem neutralizados, esses mecanismos externos levam à desumanização. São expressões perversas do pecado social, presente nas estruturas da sociedade em que os homens estão imersos.

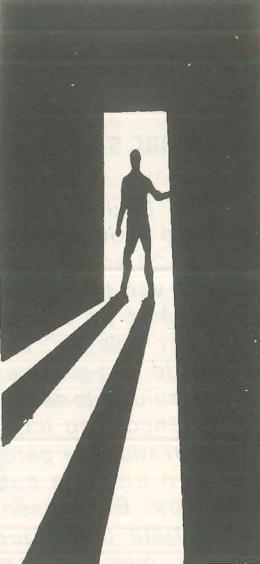
Quais serão esses impulsos que apontam para a humanização? Como respondem a esses impulsos o homem e a mulher adultos?

Que pressões desumanizadoras sufocam ou frustram o encontro de respostas a esses impulsos? E outras que os desfiguram ou falsificam?

Este é o exercício que lhes propomos: a partir da identificação dos mais importantes impulsos humanizadores e da descrição das respostas do homem e da mulher adultos a esses impulsos, vamos tentar descoltar os mecanismos sociais, políticos, econômicos, culturais e religiosos que conspiram contra a humanização.

Logo se tornará evidente o que devemos fazer para que a humanização seja possível para todos os homens e, assim, se realize o projeto de Deus.

Para cada impulso aqui descrito, vamos tentar identificar os correspondentes mecanismos de



desumanização que o falsificam:

- os que **sufocam** ou **suprimem** o impulso...
- os que **impedem** ou **dificultam** o encontro de respostas e satisfação a esse impulso...

- os que **agudizam**, **exacerbam**, **desviam** ou **desfiguram** esse impulso, transformando-o em impulso para a desumanização...
- o que **podemos** e **devemos** fazer para denunciar, atenuar ou **suprimir** aqueles mecanismos que atuam contra esse impulso humanizador?

Um exemplo, para o primeiro dos impulsos descritos:

o conformismo e o fatalismo – **sufocam** o impulso;

- o modelo econômico concentrador de riqueza gera a miséria, que **impede** a satisfação desse impulso;

- o consumismo e o hedonismo busca desenfreada de prazer e conforto **exacerbam** e **desviam** esse impulso, levando à desumanização;

- **podemos** e **devemos** desenvolver práticas de conscientização que neutralizem o conformismo e o fatalismo; denunciar a injustiça presente nas estruturas econômicas e propor modelos sociais inovadores; denunciar a propaganda e a atuação dos meios de comunicação que promovem o consumismo e a busca desenfreada de prazer.

Ainda sobre o primeiro impulso, há muito o que dizer. Procurem refletir fundo e debater em grupo, nessa linha proposta, fazendo anotações.

Percorram, em seguida, a lista de impulsos apresentada, um a um, sem pressa de terminar.

Elejam, então, ações individuais e grupais que estarão dispostos a desenvolver, a serviço da humanização dos homens e, portanto, da concretização do projeto de Deus.

Os impulsos que levam à humanização e as respostas do homem e da mulher adultos

1

O impulso de viver, em condições dignas de habitação, alimentação, saúde e posse de bens materiais necessários a uma adequada qualidade de vida.

O adulto busca não apenas viver ou sobreviver, mas conquistar uma elevada qualidade de vida. Entretanto, não se deixa levar pelo hedonismo (busca desenfreada de prazer), ou pelo consumismo exacerbado (pela pressão da propaganda). Também não se acomoda a condições indignas de vida (moradia, alimentação, saúde, descanso insuficientes). Vive uma relação respeitosa com a natureza.

- Existem mecanismos ou condicionamentos que podem sufocar este impulso? Exemplos.

- E obstáculos que impedem a realização deste impulso? Exemplos.

- Este impulso pode ser desvirtuado ou desviado para a desumanização? Como?

- O que podemos fazer para que todos sejam capazes de encontrar respostas a este impulso humanizador? Exemplos.

2

O impulso de socialização, de estabelecer relações pessoais com os outros, de comunicar-se e consolidar amizades.

O adulto se relaciona bem com as pessoas e grupos com que

convive, ajuda a integração e a união, a cooperação e a solidariedade – mais que a competição e a busca de vantagem. Está sempre aberto ao diálogo. Tem consciência de que sua vida deve ser vivida com os outros e para os outros. Sente-se responsável diante da sociedade e se empenha por relações sociais mais justas e solidárias. Participa ativamente da vida da sociedade.

• Existem mecanismos ou condicionamentos que podem sufocar este impulso? Exemplos.

• E obstáculos que impedem a realização deste impulso? Exemplos.

• Este impulso pode ser desvirtuado ou desviado para a desumanização? Como?

• O que podemos fazer para que todos sejam capazes de encontrar respostas a este impulso humanizador? Exemplos.

3

O impulso para a relação homem-mulher, em nível profundo e peculiar de comunhão afetiva, com sua expressão sexual e abertura para a criação de vida.

O adulto é capaz de amar totalmente e com perseverança. O amor conjugal não é uma resposta a obrigação assumida mas o desejo profundo de ajudar o outro a realizar-se plenamente como pessoa humana. O amor ao outro e aos filhos não é possessivo e dominador, mas incentivo e apoio à liberdade e autonomia responsáveis. A sexualidade do adulto está intimamente vinculada à afetividade, da qual é expressão. O adulto superou as formas imaturas de amor: o sentimentalismo vazio, a

sensualidade sem integridade e o amor-exclusivista ou egoísmo-a-dois. O adulto casado comprehende que só é capaz de amar conjugalmente quem é capaz de viver o amor fraterno a todos. A maturidade afetiva está relacionada com a caridade, mais do que simples generosidade. O amor adulto supõe a superação do egoísmo, a disponibilidade gratuita, a capacidade de doação e renúncia, sem perda de auto-estima e sem mutilações de sua própria personalidade.

• Existem mecanismos ou condicionamentos que podem sufocar este impulso? Exemplos.

• E obstáculos que impedem a realização deste impulso? Exemplos.

• Este impulso pode ser desvirtuado ou desviado para a desumanização? Como?

• O que podemos fazer para que todos sejam capazes de encontrar respostas a este impulso humanizador? Exemplos.

4

O impulso de desenvolver uma identidade própria, original e inconfundível.

O adulto conhece-se a si mesmo, é coerente e tem convicções. Construiu a sua identidade, mas superou os impulsos de auto-afirmação do adolescente que deixou de ser. Sente-se seguro, capaz de refletir e encontrar-se consigo mesmo. Reconhece com humildade as suas próprias fraquezas. Não vive de sonho e fantasia, embora saiba perseguir objetivos difíceis que parecem impossíveis para muitos. Não está centrado sobre si mesmo. Não se deixa

massificar e despessoalizar-se pelas pressões culturais, modismos ou propaganda. É bem informado e capaz de decisões livres de caprichos e preconceitos. Está sempre aberto ao novo: novas idéias, novas visões do mundo e do homem, nova compreensão da realidade. Não confunde o provisório com o permanente. Procura atualizar-se, sem prejuízo do núcleo de convicções profundas que orientam sua vida.

• Existem mecanismos ou condicionamentos que podem sufocar este impulso? Exemplos.

• E obstáculos que impedem a realização deste impulso? Exemplos.

• Este impulso pode ser desvirtuado ou desviado para a desumanização? Como?

• O que podemos fazer para que todos sejam capazes de encontrar respostas a este impulso humanizador? Exemplos.

5

O impulso de realização pessoal, realização de suas potencialidades, sua vocação e carismas.

O adulto conhece as suas potencialidades e vocação. Busca a sua plena realização pessoal através de um projeto de vida coerente com a própria vocação: na profissão, na vida familiar e social, na arte ou no lazer. Procura desenvolver suas aptidões, colocando-as a serviço da humanização de todos os homens. Estuda e se mantém atento aos fatos e acontecimentos, analisando-os criticamente. Desenvolve a capacidade de conhecer os outros e o mundo. Não se conforma em renunciar ou sufocar a própria vocação e carisma, submetendo-os a outros

interesses (dinheiro, poder, prestígio).

• Existem mecanismos ou condicionamentos que podem sufocar este impulso? Exemplos.

• E obstáculos que impedem a realização deste impulso? Exemplos.

• Este impulso pode ser desvirtuado ou desviado para a desumanização? Como?

• O que podemos fazer para que todos sejam capazes de encontrar respostas a este impulso humanizador? Exemplos.

6

O impulso de auto-transcendência, de superação de suas limitações humanas, de busca de Deus, de encontro com o divino.

O adulto na fé não a separa da vida. Não confunde a fé com práticas religiosas desvinculadas dos compromissos que lhe são próprios. Não se entrega à magia, à idolatria. Sua relação com Deus é gratuita, não comercial (aquele que paga com velas e promessas os benefícios alcançados). Sua fé é expressa no compromisso ético com a justiça e o amor fraterno. A superstição, o fanatismo, a manipulação de Deus estão ausentes de suas práticas religiosas.

• Existem mecanismos ou condicionamentos que podem sufocar este impulso? Exemplos.

• E obstáculos que impedem a realização deste impulso? Exemplos.

• Este impulso pode ser desvirtuado ou desviado para a desumanização? Como?

• O que podemos fazer para que todos sejam capazes de encontrar respostas a este impulso humanizador? Exemplos.

Iguais e diferentes

Juca: – Maria, você chorando? Está de olho inchado...

Maria: – Chorei. E daí? Já passou.

Fernando: – Mulher chora à-toa...

Maria: – Homem gosta mesmo é de bancar o durão. De tanto ouvir os pais dizerem que "homem não chora" ele acaba acreditando... Só que às vezes chorar faz bem.

Juca: – Não é isso não. É que mulher é mais sentimental, mesmo. Já nasce assim. O homem é mais frio, mais duro na queda...

Maria: – Eu acho que não é bem assim. O homem também é sentimental. Só que ele disfarça. Porque meteram na cabeça dele, desde pequeno, que homem tem que ser assim. Pensa bem se não é assim.

Juca: – O homem, por exemplo, é muito mais objetivo. Ele chega logo nos "finalmente". Mulher enrola demais. Não toma decisão.

Maria: – É porque a mulher enxerga mais coisas que o homem. Ela tem que pensar mais pra resolver um problema porque vê uma porção de consequências de sua decisão que o homem não percebe. Por isso a decisão demora mais. Não é porque ela seja enrolada.

Juca: – Isso confirma que o homem e a mulher são mesmo diferentes e já nascem assim. Repara só outra diferença: o homem pode se chatear com alguma coisa que acontece com ele. Mas logo esquece. Mulher não esquece nunca... É ou não é?

Maria: – Mais ou menos... Deve ser porque a mulher é mais sensível. As coisas tocam mais as mulheres que os homens.

Carlos: – Eu acho que essas diferenças não são de nascença. A gente é diferente porque é educado diferente. Vai muito da cultura do país.

Pedro: – Também acho. Tanto que essas diferenças entre homem e mulher variam de país para país.

Fernando: – Mas até que é bom ser diferente.

Pedro: – E é por isso que não é fácil o homem entender a mulher e a mulher entender o homem... Acho que é pra isso que serve namorar. Pra conhecer o outro. Que é um bocado diferente. Sem isso, casamento não pode dar certo.

Joana: – Vocês estão falando de coisas de antigamente! Hoje em dia não tem mais diferença entre homem e mulher. O pouco que ainda tem está acabando. Desde que as mulheres começaram a trabalhar nas mesmas profissões dos homens essas diferenças quase desapareceram. Daqui a mais algum tempo não vai sobrar nada do machismo de antigamente.

Vocês não vão ser mais aquelas mulheres submissas dos romances antigos...

Fernando: – Mas acho que vai continuar sendo a mulher quem vai ter os filhos... hein, Joana?... Dar de mamar...

Joana: – Mas vai parando por aí! O resto o homem pode assumir com a mulher! Inclusive cuidar dos

filhos e da casa!

Carlos: – Eu acho que tem que ter uma divisão de encargos, de acordo com as possibilidades de cada um. É coisa de os dois combinarem.

Pedro: – Uma coisa a nossa geração superou: homem e mulher podem continuar diferentes mas ninguém aceita mais que um é superior e mais capaz que o outro.

Juca: – Eu acho que você está sonhando... Não é isso que a gente vê por aí!...

PERGUNTAS PARA A REUNIÃO:

- Como você julgaria a opinião de cada um dos personagens deste diálogo? Joana? Carlos? Fernando? Pedro? Juca? Maria?

- Na sua opinião: quais as diferenças que você percebe de fato entre os homens e as mulheres, de um modo geral?

- Se há diferenças, quais são as razões?

- As diferenças dificultam ou atrapalham as relações entre homens e mulheres? Por que sim ou por que não?

- Você percebe alguma discriminação entre o homem e a mulher no meio em que você vive? Explique o que você percebe.

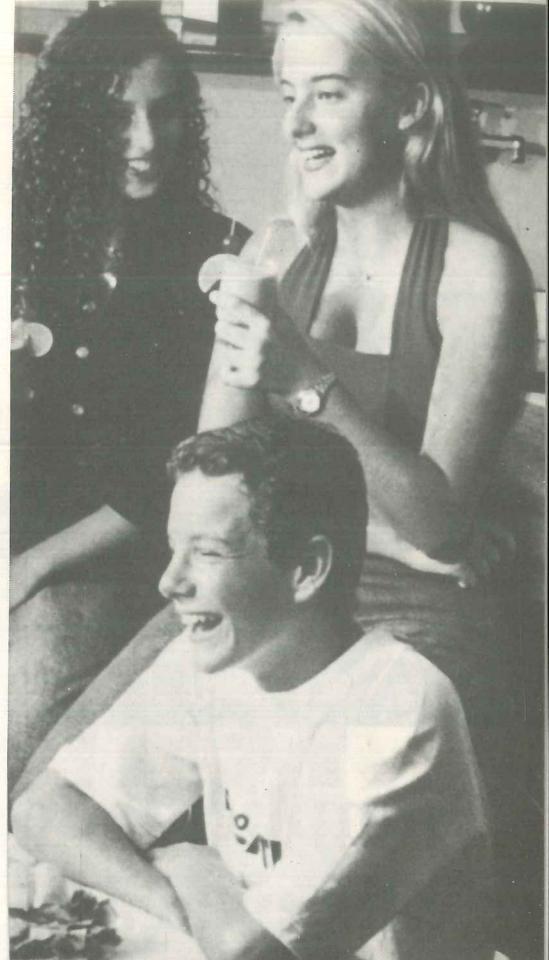
- Se há problemas nas relações entre homens e mulheres, o que se pode fazer concretamente para superar discriminações, dominação e competição?

REFLEXÃO SOBRE A HISTÓRIA DA SALVAÇÃO-LIBERTAÇÃO

"E disse o Senhor Deus: Não é bom que o homem esteja só. Vou dar-lhe uma companheira que lhe seja semelhante" (Gn 2,18).

"Eis aqui, agora, o osso dos meus ossos e a carne da minha carne" (Gn 2,23).

No tempo em que foi escrito o



Livro do Gênesis, a mulher era ainda mais discriminada que em nossos dias.

Neste texto, o autor inspirado por Deus, quis advertir aos homens de todos os tempos que a mulher não é uma coisa, objeto, posse do homem.

Homem e mulher têm a mesma dignidade, criados à imagem e semelhança de Deus.

Assim o homem não pode submeter a mulher, que é semelhante como pessoa humana.

E torna-se claro que todas as formas de discriminação social da mulher são contrárias ao plano do Criador.



Simplicidade e liberação

A gente vai se deixando envolver sem perceber.

A propaganda é inteligente e sofisticada.

De repente nos percebemos felizes proprietários de uma diversificada coleção de coisas que enguiçam, cuja manutenção é cara e de utilidade duvidosa, se comparada com as dores de cabeça que provocam.

E nos vemos prisioneiros de encargos financeiros, prestações, consertos, consumo de energia, de combustível e... de paciência!

Será que vale a pena essa capitulação à sociedade do consumo? Ter mais para ser mais: eis o grande equívoco que nos é ven-

dido em bela embalagem de palavras e imagens atraentes.

Seria preciso redescobrir-se o valor da austeridade e da vida simples, como práticas libertadoras.

Quem só tem ou deseja ter o essencial é mais livre que os que se entregam ou sonham com a busca desenfreada da posse de bens materiais e ao consumismo.

Estes são geralmente obrigados a trabalhar mais que o necessário, com prejuízo para a vida familiar, para sustentar o padrão de consumo que estabeleceram. E vivem mais preocupados com o risco maior de perder coisas que se habituaram a usufruir – e sem os quais se sentiriam agora carentes ou frustrados.

Além disso, o consumo exagerado de bens supérfluos configura uma situação de injustiça, já que as riquezas da natureza são limitadas – e muitas já estão se esgotando! Os que consomem em demasia estão lesando os que se devem contentar com as migalhas que sobram da divisão desigual daquelas riquezas.

E sem falar no que isto representa de cumplicidade na predação da natureza, que ameaça o equilíbrio ecológico de regiões, de países e do nosso sofrido mundo.

A exaltação do pobre e a condenação do rico, no Evangelho, têm um sentido claro que não pode ser obscurecido por ideologizações...

O rico tende realmente a se escravizar aos bens materiais e à segurança econômica, que se transformam no seu verdadeiro deus. Com raras e belas exceções...

Aquele que se mantém desapegado das coisas – e se as possoi, coloca-as a serviço efetivo dos outros – vive mais plenamente a liberdade.

E é claro que isto é bom...

Vamos cuidar dele...



... é o único que temos!